

MODELAGEM FARMÁCIAS VIVAS-JARDINS TERAPÊUTICOS

PARA IMPLANTAÇÃO
EM SERVIÇOS DE
ATENÇÃO PRIMÁRIA À
SAÚDE NO SUS

Nelson Filice de Barros
Renata Cavalcanti Carnevale



MODELAGEM FARMÁCIAS VIVAS-JARDINS TERAPÊUTICOS

PARA IMPLANTAÇÃO
EM SERVIÇOS DE
ATENÇÃO PRIMÁRIA À
SAÚDE NO SUS

Nelson Filice de Barros
Renata Cavalcanti Carnevale



**Catálogo na fonte: Biblioteca Luciana Borges Abrantes dos Santos
Instituto Aggeu Magalhães / Fundação Oswaldo Cruz**

B277m Barros, Nelson Filice de.
Modelagem Farmácias Vivas-Jardins
Terapêuticos: para implantação em serviços de
Atenção Primária à Saúde no SUS / Nelson Filice
de Barros, Renata Cavalcanti Carnevale. —
Recife: Fiocruz-PE; ObservaPICS, 2021.
1 recurso online (87 p.) : PDF.

ISBN 978-65-996091-3-8 (online).

1. Plantas medicinais. 2. Fitoterapia. 3. Atenção
primária à saúde 4. Serviços de saúde. 5. Brasil. I.
Carnevale, Renata Cavalcanti. II. Título.

CDU 633.88



Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Presidente

Nísia Trindade Lima

Chefe de Gabinete

Juliano de Carvalho Lima

Assessoria de Relações Institucionais

Valcler Rangel

Coordenação Geral

Juliano de Carvalho Lima

Coordenação Técnica e Executiva

Joseane Carvalho Costa – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

Escritório de Projeto da Presidência – EPP Coordenação Geral do Escritório de Projeto da Presidência - Fiocruz

Ana Paula Morgado Carneiro

Coordenação de Gestão Administrativa de Projetos

Adriana Nascimento de Oliveira

Análise de Projetos

Fernanda Gomes Nascimento Reinoso

Núcleo Gestor

Juliano de Carvalho Lima – Fundação Oswaldo Cruz
Ana Paula Morgado Carneiro - Fundação Oswaldo Cruz
Joseane Carvalho Costa – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

Fonte de Fomento

Projeto - Formação, Pesquisa e Incorporação de Tecnologias Sociais no SUS: Estratégia de Ação para a Capacitação sobre Expansão e Consolidação das Práticas Integrativas e Complementares na Estratégia da Saúde da Família. Termo de Execução Descentralizada 188/2017.





Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS)

Endereço: Av. Professor Moraes Rego, s/n – Campus Recife
Cidade Universitária – Recife/PE
CEP: 50.740-465
Telefone: 2101.2580
Instituto Aggeu Magalhães / Fundação Oswaldo Cruz
Pernambuco
NESC, 4º andar, Sala 8
Site: www.observapics.fiocruz.br

Coordenação Executiva

Islândia Maria Carvalho de Sousa

Secretaria Executiva

Maria Eduarda Guerra da Silva Cabral

Divulgação e Comunicação

Bruno Flávio Espíndola Leite
Fabiola Tavares de Oliveira
Veronica de Almeida Silva

Apoio Técnico

Camila Tenório Ferreira
Gisléa Kândida Ferreira da Silva
Grazielle Serafim dos Santos
Jaqueline de Cássia do Nascimento Velloso

MODELAGEM FARMÁCIAS VIVAS - JARDINS TERAPÊUTICOS PARA IMPLANTAÇÃO EM SERVIÇOS DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO SUS

Este material faz parte da missão do ObservaPICS de promover a reflexão teórico-conceitual e prática, mapeamento e análise crítica das medicinas tradicionais e Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), com ênfase nas experiências do Sistema Único de Saúde (SUS).



As publicações do ObservaPICS estão disponíveis para download gratuito nos formatos PDF (relatórios, boletins, publicações) e planilha Excel (bancos de dados), por meio do menu Ciência Aberta. Conheça as diferentes publicações do observatório, e conteúdos informativos em formato podcast.

Acesse: <http://observapics.fiocruz.br/produtos/>



As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Oswaldo Cruz, ObservaPICS ou do Ministério da Saúde.

É permitida a reprodução deste livro e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.



Como Citar:

(ABNT) – PERNAMBUCO. Fundação Oswaldo Cruz. **Modelagem Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos para implantação em serviços de Atenção Primária à Saúde no SUS.** - Recife: Fiocruz-PE, 2021. ISBN 978-65-996091-3-8 (on-line)

(Vancouver) - Pernambuco. Fundação Oswaldo Cruz. Modelagem Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos para implantação em serviços de Atenção Primária à Saúde no SUS. - Recife: Fiocruz-PE, 2021. ISBN 978-65-996091-3-8 (on-line)

(Apa) - Pernambuco. Fundação Oswaldo Cruz. *Modelagem Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos para implantação em serviços de Atenção Primária à Saúde no SUS.* - Recife: Fiocruz-PE, 2021. ISBN 978-65-996091-3-8 (on-line)

Equipe Observatório

Autoria

Prof. Dr. Nelson Filice de Barros

Professor do Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas;
Coordenador do Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde, da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de Campinas (LAPACIS/FCM/Unicamp).
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8959248979572637>

Profa. Dra. Renata Cavalcanti Carnevale

Coordenadora associada do Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde, da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de Campinas (LAPACIS/FCM/UNICAMP);
Vice-coordenadora do GT do CRF do Grupo de Trabalho de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Conselho Regional de Farmácia (CRF) da Seccional de Campinas/SP.
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1187426228805947>

Revisão

Alexandra Sawaya, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Aloide Ladeia Guimarães, Centro de Educação dos Trabalhadores de Saúde (CETS), Prefeitura Municipal de Campinas.

Ana Carla Koetz Prade, farmacêutica, coordenadora do Programa Farmácia Viva da Secretaria Municipal de Saúde de São Bento do Sul.

Camila Tenório Ferreira, Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS).

Cristina Tanikawa, Universidade Estadual de Campinas.

Daniel Amado, ex-coordenador da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

Daniel César Nunes Cardoso, Tecnologista pleno do Ministério da Saúde

Elaine Marasca Garcia da Costa, Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (LAPACIS) / Faculdade de Ciências Médicas (FCM) / Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Erica Mayumi Tanaka, Prefeitura Municipal de Campinas.

Gisléa Cândida Ferreira da Silva, Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS).

Islândia Maria Carvalho de Sousa, coordenadora-executiva do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS).

Maria Cláudia Blanco, Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável (CDRS).

Maria Eduarda Guerra da Silva Cabral, Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS).

Michelle Pedroza Jorge, Universidade Estadual de Campinas.

Pamela Siegel, Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (LAPACIS) / Faculdade de Ciências Médicas (FCM) / Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Pedro Crepaldi Carlessi, Universidade de São Paulo (USP), pesquisador colaborador do ObservaPICS.

Silvia Czermainski, farmacêutica sanitária, mestre em Ciências Farmacêuticas (UFRGS), consultora em fitoterapia e plantas medicinais.

Revisão ortográfica:

Clenir de Souza Louceiro

Editoração:

Camila Tenório Ferreira

Projeto Gráfico:

Diana Lins Mesquita

“Um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra,
é um microcosmos de todo o mundo natural.
Nele encontramos formas de vida, recursos de vida,
processos de vida. Ele nos ensina os valores da
emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência,
os valores da paciência, da perseverança, da criatividade,
da adaptação, da transformação, da renovação”.

(GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender
com sentido*. São Paulo: Cortez, 2002. 52p.)

O presente Guia é uma importante iniciativa para colaborar com a orientação sobre a implantação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos nos serviços de Atenção Primária à Saúde, em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, principalmente quanto aos aspectos ligados ao desenvolvimento da Fitoterapia, como uma importante ferramenta terapêutica para prevenção e tratamento de variadas patologias na Atenção Primária à Saúde (APS), significando melhoria na qualidade de vida das pessoas.

Faz menção, com honradez, à origem das Farmácias Vivas, idealizadas pelo Professor Francisco José de Abreu Matos, e seus modelos de complexidades: Farmácias Vivas Modelos I, II e III. Sendo que neste Guia é dada ênfase às Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos, tendo como referência a Farmácia Viva Modelo I, a mais simples, constituindo-se em um importante suporte para os profissionais, em prol da saúde da comunidade, com plantas verdadeiramente medicinais, validadas cientificamente.

Encontram-se aqui descritos requisitos essenciais para a implantação de uma unidade de Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, incluindo seis Módulos: Módulo 1 – História da Regulamentação das Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Farmácias Vivas no Brasil; Módulo 2 - Etapas para implantação de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico; Módulo 3 – Benefícios da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico nos serviços de Atenção Primária à Saúde; Módulo 4 - Desafios para implantação e manutenção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico; Módulo 5 - Estratégias de fortalecimento da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico nos serviços de saúde e no município; Módulo 6 - Formação de Rede de Cuidado nos Territórios.

Assim, esses módulos abordam desde a orientação da regulamentação sobre plantas medicinais e fitoterápicos, incluindo a importância da procedência das plantas medicinais e certificação botânica, até a recomendação da elaboração de Procedimentos Operacionais Padrão (POP's), para que haja o registro e a

padronização das atividades, desde o cultivo, a distribuição de mudas, os treinamentos das equipes e a importância dos cuidados em fitoterapia, entre outras informações.

Como se pode valorizar os conhecimentos populares e tradicionais mantendo a qualidade e a segurança do uso das plantas medicinais? O próprio Guia responde à questão, enfatizando que a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico propicia o resgate de saberes tradicionais e populares invisibilizados historicamente e que, também, propicia um resgate do contato com a natureza, tão importante, se pensarmos que a saúde e o cuidado são muito mais do que a disponibilização de ferramentas terapêuticas. Vale a pena conhecer esta abordagem e valorização da cultura popular.

Nesse contexto, este Guia ressalta que a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico cria maior vínculo entre as equipes de saúde e a população e possibilita redução dos custos do cuidado em saúde. Estes custos são demonstrados por meio de cálculos para a implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, enfatizando que esta diretriz fitoeconômica leva a um caminho mais simplificado, vindo também a colaborar economicamente nos gastos da saúde da população, buscando sempre o uso seguro de plantas medicinais, que podem ser usadas com segurança e qualidade no Sistema Único de Saúde (SUS) dos municípios de nosso país.

Mary Anne Medeiros Bandeira

Coordenadora do Programa de Farmácias Vivas

Francisco José de Abreu Matos- UFC

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que nos inspiraram para a realização desta modelagem. Em especial, agradecemos aos integrantes do Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (LAPACIS/FCM/Unicamp) no desenvolvimento do projeto de assessoria de implantação e implementação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos nos serviços de Atenção Primária à Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas.

Somos gratos também pela parceria com o Centro de Educação dos Trabalhadores da Saúde (CETS), da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas, em especial pelo o envolvimento dos usuários, trabalhadores e profissionais da saúde de mais de 40 unidades de saúde de Campinas incluídas no projeto.

APRESENTAÇÃO	14
MÓDULO 1 - História de regulamentação das plantas medicinais, fitoterápicos e Farmácias Vivas no Brasil	17
I - Antecedentes legais das plantas medicinais no Brasil	19
II - A Farmácia Viva	22
III - Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	26
MÓDULO 2 - Etapas para implantação de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	28
Etapa 1 - Definição da equipe responsável pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	30
Etapa 2 - Definição das atividades que serão realizadas na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	32
Etapa 3 - Capacitações da equipe responsável pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	36
Etapa 4 - Definição do local para a implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	37
Etapa 5 - Análise do solo	40
Etapa 6 - Construção dos canteiros	40
Etapa 7 - Compostagem local	41
Etapa 8 - Definição das plantas medicinais que serão cultivadas	41
Etapa 9 - Obtenção de mudas de plantas medicinais	44
Etapa 10 - Cultivo e propagação de plantas medicinais	44
Etapa 11 - Custos para implantação de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	45
MÓDULO 3 - Benefícios da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico nos serviços de Atenção Primária à Saúde	47

MÓDULO 4 - Desafios para implantação e manutenção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico	53
Desafios para implantação e manutenção de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos	56
MÓDULO 5 - Estratégias de fortalecimento da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico nos serviços de saúde e no município	62
Primeira ação: ciclo de visitas dos trabalhadores e usuários entre serviços participantes da Rede Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos	63
Segunda ação: compartilhamento de experiências de manejo	64
Terceira ação: trocas de mudas de plantas medicinais	64
Quarta ação: estudo de plantas medicinais específicas	65
Quinta ação: criação de horto de plantas para o fornecimento de mudas para as Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos	65
MÓDULO 6 - Formação de rede de cuidado nos territórios	67
Experiências exitosas de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos	70
Farmácia Viva-Jardim Terapêutico Centro de Saúde San Martin	70
Farmácia Viva-Jardim Terapêutico Centro de Saúde Vista Alegre	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	84
ANEXO 1 - Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (RENISUS)	84
ANEXO 2 - Relação de Plantas Medicinais da Cartilha da SMS-Campinas e LAPACIS	86

APRESENTAÇÃO



Muitos gestores e profissionais da área da saúde têm interesse em implantar Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos, mas não se arriscam por falta de conhecimento e de orientação. Esta modelagem sobre as Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos tem como objetivo fornecer um Guia, com linguagem clara e direta, para aqueles que tenham interesse em implantar e implementar Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos em serviços de Atenção Primária à Saúde.

O Guia está dividido em 6 Módulos. No Módulo 1 será abordada a História de regulamentação das plantas medicinais, fitoterápicos e Farmácia Viva no Brasil. No Módulo 2 estão disponíveis 11 etapas para implantação de um Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, incluindo desde a organização da equipe responsável pelo projeto até os custos envolvidos. No Módulo 3 estão descritos os muitos benefícios das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos. O Módulo 4 analisa os desafios para a implantação e manutenção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico e também apresenta a fitoterapia como um objeto de fronteira que possibilita o diálogo entre diferentes saberes, o que pode gerar a emergência de novos conhecimentos mais humanizados. No Módulo 5 estão descritas as estratégias de fortalecimento do projeto nos serviços de saúde e no município, por meio da criação da Rede de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos. O Módulo 6 discute a importância da formação da rede de cuidado nos territórios, com o cultivo e a distribuição de plantas medicinais para as pessoas interessadas da comunidade, e ilustra experiências exitosas de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos em serviços de Atenção Primária à Saúde em Campinas (SP).

As informações e atividades apresentadas nos Módulos deste Guia são resultado do trabalho que o Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (LAPACIS/Unicamp) tem realizado com as plantas medicinais, incluindo as experiências que o Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia, do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde, da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de Campinas (LAPACIS/Unicamp), vem desenvolvendo em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Campinas/SP, no projeto de apoio às unidades básicas de saúde

da rede de serviços deste município. Os trabalhos do Grupo foram iniciados na universidade e logo se expandiram para fora dela, com caráter de extensão comunitária. Esse salto para as comunidades foi possível pela parceria entre diferentes setores da Universidade Estadual de Campinas, Secretaria Municipal de Saúde, Universidade Paulista (Unip), Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável (CDRS) e Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).

Gostaríamos de esclarecer inicialmente a escolha do termo Farmácia Viva-Jardim Terapêutico. A ideia inicial era utilizar o termo Farmácia Viva Modelo I em homenagem ao Professor Matos, idealizador deste programa, entretanto a classificação das Farmácias Vivas em Modelos I, II e III é apenas regulamentada no Estado do Ceará, pelo Decreto nº 30.016, de 30 de dezembro de 2009. No âmbito nacional não existe esta classificação e, por isso, optamos por utilizar o termo Farmácia Viva-Jardim Terapêutico.

Na Portaria GM nº 886, de 20 de abril de 2010, do Ministério da Saúde que instituiu o Programa Nacional de Farmácias Vivas no Sistema Único de Saúde, a Farmácia Viva é descrita:

A Farmácia Viva, no contexto da Política Nacional de Assistência Farmacêutica, deverá realizar todas as etapas, desde o cultivo, a coleta, o processamento, o armazenamento de plantas medicinais, a manipulação e a dispensação de preparações magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos (BRASIL, 2010a).

E a RDC 18/2013 da Agência Nacional de Vigilância à Saúde (Anvisa), que dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em Farmácias Vivas no âmbito do SUS (BRASIL, 2013a), também em momento algum faz menção aos diferentes modelos de Farmácias Vivas e não considera como Farmácia Viva o que é a Farmácia Viva Modelo I estabelecida pelo Decreto do Ceará.

Assim, optamos por utilizar o termo Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos, considerando a seguinte definição de Jardim Terapêutico: Espaço de troca de informações sobre o saber tradicional e saber científico das plantas medicinais, visando a identificação, cultivo, preparo e uso seguro das mesmas (VITORIA, 2009). Mas, mantivemos o termo Farmácia Viva, pois o trabalho aqui apresentado tem como base os princípios da Farmácia Viva Modelo I e não queremos perder a potência

desta ideia, trazida com tanto entusiasmo pelo próprio professor Matos, idealizador da Farmácia Viva.

É uma grande alegria poder contribuir com a estruturação das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos e com a disseminação das plantas medicinais em âmbito nacional. A Farmácia Viva-Jardim Terapêutico é uma iniciativa de grande importância, pois promove o uso e o estudo das ações terapêuticas das plantas medicinais. Também propicia um resgate do contato com a natureza, tão importante, se pensarmos que a saúde e o cuidado são muito mais do que apenas a disponibilização de ferramentas terapêuticas. Além disso, a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico propicia o resgate de saberes tradicionais e populares invisibilizados historicamente. Assim, cria maior vínculo entre as equipes de saúde e a população e possibilita redução dos custos do cuidado em saúde.

Desejamos que esta Modelagem possa ser um Guia e estímulo para a implantação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos em diferentes locais do Brasil, contribuindo assim para a ampliação do acesso às plantas medicinais e para a construção de saberes mais humanizados e inclusivos.

As fotografias retiradas nos Centros de Saúde envolvidos, utilizadas ao longo dos Módulos foram cedidas por eles, e tiveram autorização para uso.

Boa leitura!!!



MÓDULO 1
HISTÓRIA DE REGULAMENTAÇÃO
DAS PLANTAS MEDICINAIS,
FITOTERÁPICOS E FARMÁCIAS
VIVAS NO BRASIL



A fitoterapia e as plantas medicinais têm sido secundarizadas em relação ao seu potencial e a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem se esforçado para reverter esse processo nas últimas décadas, com a preconização do seu uso nos sistemas nacionais de saúde dos Estados membros (WHO, 2004, 2005, 2013, 2019). Pelo menos 25% de todos os medicamentos utilizados atualmente são derivados direta ou indiretamente de plantas medicinais e em certas classes de produtos farmacêuticos, como medicamentos antitumorais e antimicrobianos, essa porcentagem passa a ser maior que 60% (WHO, 2011).

O potencial de uso de plantas como fonte de novos medicamentos é ainda pouco explorado. Dentre as 500 mil espécies estimadas no mundo, apenas uma pequena porcentagem tem sido investigada fitoquimicamente, fato que ocorre também em relação às propriedades farmacológicas, nas quais, em muitos casos, existem apenas estudos preliminares. Em relação ao uso médico, estima-se que somente cinco mil espécies foram estudadas no mundo (RATES, 2001) e no Brasil, um dos países mais ricos em biodiversidade, contando com cerca de 55 mil espécies de plantas, a investigação cobriu apenas 0,4% da flora nacional (MITTERMEIER et al, 2005; GURIB- FAKIM, 2006).

As plantas medicinais são um importante instrumento da assistência farmacêutica utilizado por 70% a 90% da população nos países em desenvolvimento (WHO, 1993, 2011) e cerca de 82% da população brasileira (RODRIGUES & DE SIMONI, 2010). Registra-se que em 2015 foram realizados 50.050 atendimentos de fitoterapia e entre janeiro e agosto de 2016 foram realizados 75.410 atendimentos nos serviços do Sistema Único de Saúde de 616 municípios brasileiros (BRASIL, 2016a).

Os atendimentos com plantas medicinais e fitoterápicos são realizados, prioritariamente, em serviços de Atenção Primária em Saúde no SUS, e especialmente na Estratégia de Saúde da Família (ESF), devido aos fundamentos e princípios desse nível de atenção e pela característica da prática da fitoterapia, que envolve interação entre saberes, parcerias nos cuidados, ações de promoção da saúde e

prevenção de doenças. A expansão da ESF potencializou a implementação dos programas de fitoterapia, principalmente, pela inserção das equipes nas comunidades, pela troca de saberes nas visitas domiciliares, atividades de educação em saúde, fortalecimento do vínculo dos usuários e da comunidade com as equipes, bem como na ampliação da autonomia das pessoas no cuidado de sua saúde (RODRIGUES et al., 2011).

O trabalho com as plantas medicinais é necessário, não só pelas equipes da ESF, mas por todos os profissionais da saúde para garantir o uso seguro e consciente das partes das plantas utilizadas nas preparações e produtos fitoterápicos, em alguns casos flores, outros folhas, caules e/ou raízes.

I - Antecedentes legais das plantas medicinais no Brasil

Desde a Declaração de Alma-Ata, em 1978, a OMS tem expressado a sua posição a respeito da necessidade de valorizar a utilização de plantas medicinais nos serviços de saúde, tendo em conta que 80% da população mundial utiliza plantas ou preparações fitoterápicas na Atenção Primária à Saúde (BRASIL, 2006a; WHO, 2019). No Brasil diferentes iniciativas legais foram desenvolvidas em relação às plantas medicinais e fitoterápicos no Sistema Único de Saúde, entre elas destacam-se:

- Resolução Ciplan nº 8/88, que regulamenta a implantação da fitoterapia nos serviços de saúde;
- Relatório da 10^a (1996) e 12^a Conferências Nacionais de Saúde (2003), que incluem, respectivamente a importância de “incorporar no SUS, em todo o país, as práticas de saúde como a fitoterapia” e a importância da produção nacional e a implantação de programas para uso de medicamentos fitoterápicos nos serviços de saúde;
- Portaria nº 3.916/1998, que aprova a Política Nacional de Medicamentos, a qual tem como uma de suas diretrizes: “... apoio às pesquisas que visem ao aproveitamento do potencial terapêutico da flora e fauna nacionais”;
- Resolução nº 338/04, do Conselho Nacional de Saúde, que aprova a Política Nacional de Assistência Farmacêutica, que contempla a importância da “utilização

das plantas medicinais e de medicamentos fitoterápicos no processo de atenção à saúde”;

- Em 2001, o Ministério da Saúde realizou o Fórum para formulação de uma proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos. Em 2003, o Ministério promoveu o Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica. Ambas as iniciativas aportaram contribuições importantes para a formulação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, como concretização de uma etapa para elaboração da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006a);

- Em 2006 foi publicada a Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006, que aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS, com a implantação da Homeopatia, Medicina Antroposófica, Medicina Tradicional Chinesa-Acupuntura, Fitoterapia e Termalismo Social/Crenoterapia. Em 2017 e 2018 a PNPIC foi ampliada, com a introdução de outras 24 práticas (BRASIL, 2017; BRASIL, 2018a).

A PNPIC previu o acesso a plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos assegurando o cumprimento dos critérios de qualidade, eficácia e segurança no uso, por meio das duas seguintes diretrizes:

- 1) Provimento do acesso a plantas medicinais e fitoterápicos aos usuários do SUS, incluindo a implantação e manutenção de hortos oficiais de espécies medicinais e/ou estimulando hortas e hortos comunitários reconhecidos junto a órgãos públicos, para o fornecimento das plantas e utilização de matéria-prima vegetal, processada de acordo com as boas práticas, oriunda de hortos oficiais de espécies medicinais, de cooperativas, de associações de produtores, extrativismo sustentável ou de outros, com alvará ou licença de órgãos competentes para tal;

- 2) Fortalecimento e ampliação da participação popular e do controle social (resgatar e valorizar o conhecimento tradicional e promover a troca de informações entre grupos de usuários, detentores de conhecimento tradicional, pesquisadores, técnicos, trabalhadores de saúde e representantes da cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos).

Dois meses após a publicação da Portaria 971 foi publicado o Decreto N° 5.813, de 22 de junho de 2006, que instituiu a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) no SUS. A PNPMF estabeleceu diretrizes e linhas prioritárias para a garantia do acesso e uso seguro de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país, assim como fortalecimento das cadeias e dos arranjos produtivos, uso sustentável da biodiversidade brasileira e desenvolvimento do complexo produtivo da saúde (BRASIL, 2006b).

Dentre as diretrizes podemos citar algumas que abordam aspectos ligados à Farmácia Viva-Jardim Terapêutico como:

- 1) Promover a adoção de boas práticas de cultivo e manipulação de plantas medicinais e de manipulação e produção de fitoterápicos, segundo legislação específica;
- 2) Estimular a implantação de programas e projetos que garantam a produção e a dispensação de plantas medicinais e fitoterápicos;
- 3) Disseminar as boas práticas de cultivo e manejo de plantas medicinais e preparação de remédios caseiros;
- 4) Apoiar e estimular a criação de bancos de germoplasma e horto-matrizes em instituições públicas.

A Portaria Interministerial nº 2960, de 9 de dezembro de 2008, aprovou o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que, em conformidade com as diretrizes e linhas prioritárias da PNPMF, fortaleceu o movimento de acesso e uso seguro de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil (BRASIL, 2009a).

Outras iniciativas de plantas medicinais que se destacam são: a inclusão de medicamentos fitoterápicos na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (Rename) (BRASIL, 2020) que conta atualmente com os seguintes doze fitoterápicos: Alcachofra (*Cynara scolymus* L.), Guaco (*Mikania glomerata* Spreng), Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi), Hortelã (*Mentha x piperita* L.), Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. F), Isoflavona de soja (*Glycine max* (L.) Merr), Cáscara sagrada (*Rhamnus purshiana* DC.), Plantago (*Plantago ovata* Forssk), Espinheira santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek), Salgueiro (*Salix alba* L.), Garra do diabo (*Harpagophy-*

tum procubens) e Unha de gato (*Uncaria tomentosa* (Willd. ex Roem. & Schult) DC). E também a criação da Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (Renusus) (BRASIL, 2009b), que lista 71 plantas que precisam ser mais estudadas para que possam ser incluídas na Renam (Anexo 1).

Como incentivo para a ampliação do uso de plantas medicinais e fitoterápicos no SUS, o Ministério da Saúde realizou algumas capacitações, como por exemplo: capacitação em fitoterapia para médicos, em 2012, e a capacitação 'Fitoterapia: Harmonizando conceitos', em 2020, voltado a profissionais da saúde do SUS, com mais de dez mil inscritos, disponível no *site* da Fiocruz Brasília ([clique aqui](#)). Além disso, publicou documentos oficiais, como:

- Farmacopeia Brasileira, 6ª edição (BRASIL, 2019), que inclui monografias de plantas medicinais, preparações vegetais/extratos fluidos e óleos, gorduras e ceras ([clique aqui](#)).
- Formulários de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira e seu suplemento, sendo que a versão vigente é a 2ª edição de 2021 (BRASIL, 2021; BRASIL, 2011, BRASIL, 2018b), que traz formulações farmacopeicas que dão suporte às práticas de manipulação e dispensação de fitoterápicos, incluindo monografias de plantas medicinais para infusos e decoctos, tinturas, xarope, géis, pomadas, sabonete e cremes ([clique aqui](#) para acessar a versão vigente).
- Memento de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2016b), que traz informações de vinte e oito (28) plantas medicinais, para auxiliar na prescrição ([clique aqui](#)).

II - A Farmácia Viva

As Farmácias Vivas (FV) têm como objetivo oferecer assistência farmacêutica fitoterápica às diferentes populações, por meio da promoção do uso seguro de plantas medicinais. Para atingir esse objetivo, o programa de FV inclui as etapas de cultivo, coleta, processamento e armazenamento de plantas medicinais, assim como preparação e dispensação de produtos magistrais (COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA, 2014; 2015; BRASIL, 2010a).

As Farmácias Vivas foram concebidas em 1983 como um projeto da Universidade Federal do Ceará (UFC), a partir dos ideais do professor do curso de farmácia Dr. Francisco José de Abreu Matos. As suas bases fundamentais atenderam às recomendações da OMS relativas à promoção da assistência social farmacêutica às diferentes populações, com ênfase àquelas voltadas aos cuidados primários em saúde.

Na época da concepção das Farmácias Vivas, o professor Matos observou que boa parte da população do Nordeste do Brasil utilizava plantas da flora local como recurso terapêutico (MATOS 2002; BRASIL, 2012a; COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA, 2014). Percebendo a riqueza da utilização das plantas medicinais pelas populações e com o objetivo de estudá-las em profundidade, o Professor Matos percorreu o interior do Ceará e de outros Estados do Nordeste brasileiro, sempre na companhia do professor Afrânio Fernandes, coletando espécies vegetais e informações da sabedoria popular sobre suas aplicações na saúde.

Os dois professores realizaram um intenso trabalho de pesquisa etnobotânica, etnofarmacológica, taxonômica, bibliográfica e experimental (ensaios químicos e toxicológicos), através dos quais foram selecionadas plantas medicinais para integrar o elenco das Farmácias Vivas. As evidências produzidas pelo professor Matos nos laboratórios da universidade somaram-se às evidências de efetividade terapêutica e segurança de uso observadas nas comunidades que visitou (MALTA et al., 1999).

O Professor Matos propôs a metodologia das FV apoiado no conjunto de conhecimentos científicos e da tradição popular. Sua perspectiva foi dar mais qualidade e segurança às experiências no uso de plantas medicinais e fitoterápicos que eram organizadas apenas em bases empíricas pelas populações. Dessa maneira, sua intenção foi levar às comunidades o entendimento de princípios da fitoterapia, por meio da discussão sobre os modos de preparação de fitoterápicos, prescrição, dispensação, uso seguro das plantas medicinais e preparação de remédios caseiros, com eficácia, segurança e qualidade (COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA, 2014; 2015).

Após a implantação de várias FV com resultados exitosos observou-se a necessidade de tornar essa atividade oficial no Estado do Ceará, para garantir a legalidade do programa instalado e cumprimento da legislação sanitária. Em 1997 as FV

foram institucionalizadas pela Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, por meio do Programa Estadual de Fitoterapia (COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA, 2014; 2015). Em 07 de outubro de 1999 foi promulgada a Lei Estadual nº 12.951 (CEARÁ, 1999) que dispôs sobre a implantação da Fitoterapia em Saúde Pública no Estado do Ceará, por meio da implantação de unidades de Farmácias Vivas. Em 2007, a Assistência Farmacêutica passou a órgão de execução programática da Secretaria Estadual de Saúde do Ceará, sendo denominada de Coordenadoria de Assistência Farmacêutica (COASF), composta por três núcleos, entre eles o Núcleo de Fitoterápicos (NUFITO), que está integrado ao Programa Farmácias Vivas da Universidade Federal do Ceará e tem como objetivo implantar e implementar FV em organizações governamentais e não governamentais, associações e comunidades do Estado (COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA, 2015).

A lei estadual de 1999 foi regulamentada pelo Decreto nº 30.016, de 30 de dezembro de 2009, que apresentou a regulamentação técnica e instituiu as boas práticas para o cultivo, manejo, coleta, processamento, beneficiamento, armazenamento, dispensação de plantas medicinais, orientação para a preparação de remédios de origem vegetal, bem como a preparação de fitoterápicos e sua dispensação.

Atendendo a este Decreto, o Comitê Estadual de Fitoterapia selecionou 30 plantas medicinais, em sua maioria da flora nordestina, para compor a Relação Estadual de Fitoterapia (REPLAME - CEARÁ), que foi designada pela Portaria N°275/2012 do secretário de saúde do Estado (COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA, 2014).

Após a regulamentação, as FV tornaram-se referências para o Nordeste brasileiro e para todo o Brasil (MALTA et al., 1999).

Esse Decreto estabeleceu também os três modelos de Farmácias Vivas Modelos I, II e III, a partir das atividades realizadas (CEARÁ, 2009).

Farmácia Viva Modelo I

Destina-se à instalação de canteiros de plantas medicinais em unidades de Farmácias Vivas Comunitárias e/ou unidades do SUS, mantidas sob a supervisão de profissionais do serviço público estadual e municipal de fitoterapia.

A obtenção de matéria prima vegetal, processada de acordo com as Boas Práticas de Cultivo (BPC), deve ser oriunda de hortas e/ou hortos oficiais ou credenciados.

Este modelo tem como finalidade realizar atividades de cultivo e garantir à comunidade assistida o acesso às plantas medicinais *in natura*, além de orientação sobre a preparação e o uso correto dos remédios caseiros, realizados por profissionais capacitados.

Farmácia Viva Modelo II

Destina-se à produção e dispensação de plantas medicinais secas (droga vegetal), destinadas ao provimento das unidades de saúde do SUS.

A obtenção de matéria-prima vegetal também deve ser processada de acordo com as Boas Práticas de Cultivo (BPC) e oriunda de hortas e/ou hortos oficiais ou credenciados.

Deve possuir uma adequada estrutura de processamento e realização de operações primárias da matéria-prima vegetal, em áreas específicas, de acordo com as Boas Práticas de Processamento (BPP), visando tornar acessível à população a planta medicinal seca ou a droga vegetal.

A Farmácia Viva II poderá ainda realizar as atividades previstas para a Farmácia Viva I. Este modelo pode propiciar o desenvolvimento da agricultura familiar com plantas medicinais.

Farmácia Viva Modelo III

Destina-se à produção de fitoterápicos preparados em oficinas farmacêuticas para as operações farmacêuticas, de acordo com as Boas Práticas de Preparação de Fitoterápicos (BPPF), visando à prescrição e à dispensação de fitoterápicos nas unidades do SUS.

A droga vegetal utilizada para a preparação destes fitoterápicos deve ser oriunda de hortas e/ou hortos medicinais oficiais ou credenciados, desde que processadas de acordo com as Boas Práticas de Processamento (BPP).

O modelo de FV Modelo III poderá ainda realizar as atividades previstas para os modelos FV I e II.

III - Farmácia Viva-Jardim Terapêutico

Todo o trabalho desta Modelagem foi norteado pelos princípios e fundamentos da Farmácia Viva Modelo I.

Entretanto, a classificação das Farmácias Vivas em Modelos I, II e III é apenas regulamentada no Estado do Ceará, pelo Decreto nº 30.016, de 30 de dezembro de 2009. No âmbito nacional não existe esta classificação.

Na Portaria GM nº 886 de 20 de abril de 2010, do Ministério da Saúde, que instituiu o Programa Nacional de Farmácias Vivas no Sistema Único de Saúde, a Farmácia Viva é descrita:

A Farmácia viva, no contexto da Política Nacional de Assistência Farmacêutica, deverá realizar todas as etapas, desde o cultivo, a coleta, o processamento, o armazenamento de plantas medicinais, a manipulação e a dispensação de preparações magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos (BRASIL, 2010a).

E a RDC 18/2013 da Agência Nacional de Vigilância à Saúde (Anvisa), que dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em Farmácias Vivas no âmbito do SUS (BRASIL, 2013a), também em momento algum faz menção aos diferentes modelos de Farmácias Vivas e não considera como Farmácia Viva o que é a Farmácia Viva Modelo I estabelecida pelo Decreto do Ceará.

Assim, optamos por utilizar o termo Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos, considerando a seguinte definição de Jardim Terapêutico: Espaço de troca de informações sobre o saber tradicional e saber científico das plantas medicinais visando a identificação, cultivo, preparo e uso seguro das mesmas (VITORIA, 2009). Mas,

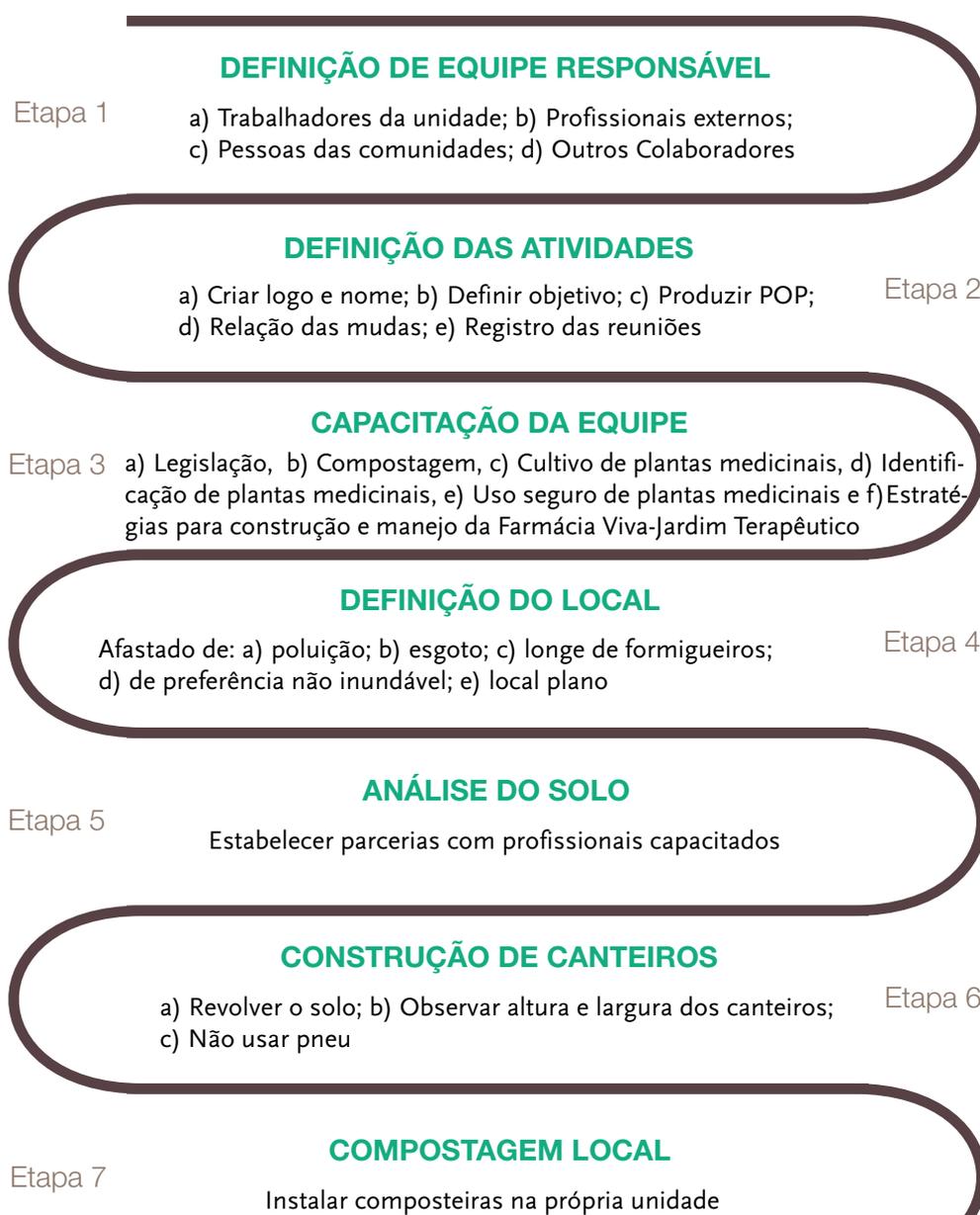
mantivemos o termo Farmácia Viva, pois o trabalho aqui apresentado tem como base os princípios da Farmácia Viva Modelo I e não queremos perder a potência desta ideia, trazida com tanto entusiasmo pelo próprio professor Matos, idealizador da Farmácia Viva.

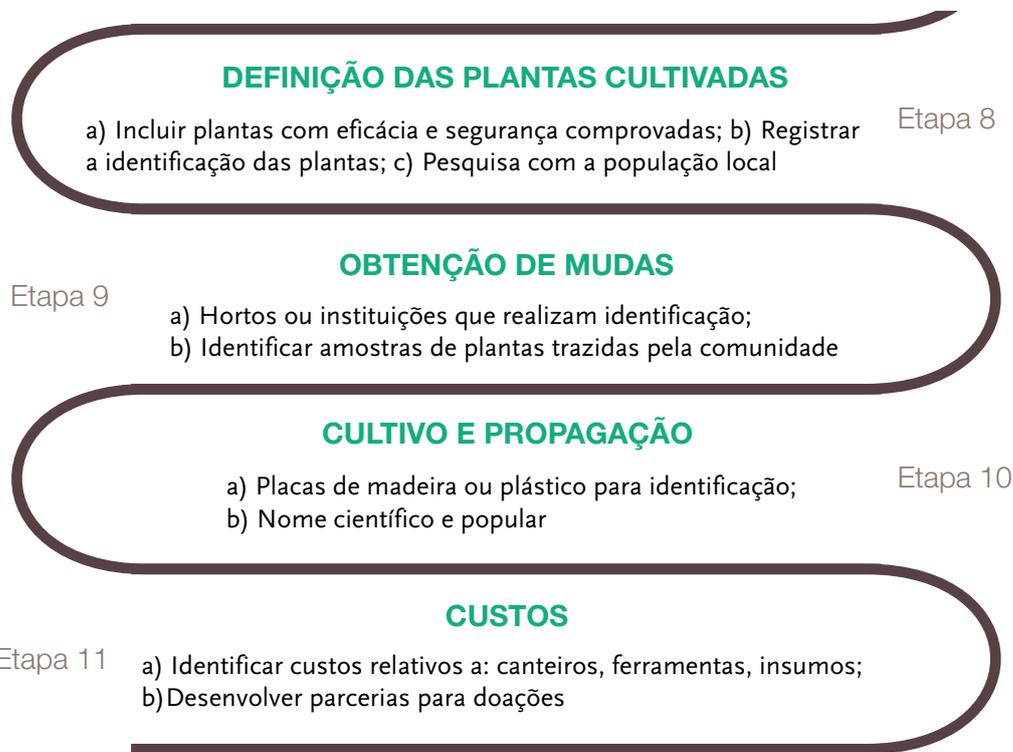
Torna-se assim evidente a importância de resgatar o conceito da Farmácia Viva Modelo I do professor Matos, não incluída na legislação do Ministério da Saúde e buscar introduzi-la para que possa ser institucionalizada e não mais invisibilizada.



MÓDULO 2
ETAPAS PARA IMPLANTAÇÃO
DE UMA FARMÁCIA VIVA
- JARDIM TERAPÊUTICO

O objetivo deste módulo é descrever as etapas para a implantação de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, ou seja, a construção de canteiros de plantas medicinais com a finalidade de garantir o acesso às plantas *in natura* e a orientação sobre a preparação e o uso correto dos remédios caseiros. São sugeridas 11 etapas para a implantação de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, resumidos no fluxograma.





Etapa 1 - Definição da equipe responsável pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico

A fitoterapia é de interesse multiprofissional e envolve saberes que vão do cultivo à coleta, beneficiamento, preparo e utilização de plantas medicinais. O êxito desse projeto pode estar relacionado à presença de uma equipe multiprofissional engajada em sua implantação e manutenção. Recomenda-se que Farmácia Viva-Jardim Terapêutico não fique sob a responsabilidade de apenas um (a) trabalhador (a) da unidade ou de alguma pessoa da comunidade, para reduzir o risco de o projeto não ter continuidade. O projeto tem maior possibilidade de ter sucesso se for estruturado como um projeto da unidade de saúde, sob a responsabilidade de uma equipe bem definida e formada por profissionais do serviço e membros da comunidade. Isso garantirá que o projeto continue, mesmo com o possível desligamento de algumas pessoas envolvidas.

A equipe de implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode ser formada por:

A) Trabalhadores da unidade onde a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico será implantada: a equipe responsável pela implantação pode ser formada por profissionais da saúde de todos os níveis e formações, cada um contribuindo com seu

interesse e área de atuação. Em muitos serviços de saúde a equipe responsável inclui também profissionais que exercem funções de porteiro, auxiliar de limpeza, recepcionista e outras. Todos podem contribuir com suas habilidades e conhecimentos em plantas medicinais. Deve-se destacar a importância da participação dos Agentes Comunitários de Saúde nas equipes de implantação, pois ao fazerem a ligação entre o serviço e a comunidade criam vínculos duradouros; importantes para a manutenção dos canteiros. Além disso, a inclusão de diferentes profissionais do serviço demonstra bem o potencial da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico para integrar e valorizar os diferentes conhecimentos que constroem o cuidado mais humanizado.

B) Profissionais externos que darão suporte para o desenvolvimento do projeto: quando possível, é importante o suporte de profissionais de outras instituições para a implantação e o desenvolvimento do projeto. A equipe externa de profissionais pode ser formada por médicos, farmacêuticos, enfermeiros, nutricionistas, agrônomos, engenheiros agrícolas ou ambientais, assim como outros profissionais capacitados na área de fitoterapia. A equipe externa poderá contribuir fornecendo suporte técnico, científico e material para as unidades de saúde, por exemplo, através da realização de visitas técnicas ao local e capacitações sobre cultivo, identificação e uso seguro de plantas medicinais, formas de compostagem, análise de solo, preparação dos canteiros, instrução técnica sobre insumos e ferramentas necessárias para o desenvolvimento do projeto e outras informações. Segundo o Professor Matos, a Farmácia Viva deve contar com o apoio técnico científico de três profissionais com formação na área de plantas medicinais, cujas atividades são complementares, quais sejam: farmacêutico, agrônomo e profissional prescriptor de fitoterápicos, que muitas vezes é o médico (MATOS, 2002). Dificilmente haverá um agrônomo no quadro de profissionais das unidades de saúde, além disso, é possível que a maioria destes profissionais não tenha formação em plantas medicinais. Por isso, é importante que a equipe do serviço procure suporte para o desenvolvimento do projeto, por exemplo, entre os profissionais ligados a universidades, serviços de parques, jardins e setor de agricultura do município ou do Estado.

C) Pessoas das comunidades atendidas pela unidade de saúde: além da participação dos profissionais da unidade de saúde e da equipe externa de assessoria, o engajamento de pessoas da comunidade atendida pela unidade de saúde é fundamental. Existe muito interesse de pessoas das comunidades no cultivo e

uso de plantas medicinais e a implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico é uma forma de proporcionar a elas o resgate do uso familiar das plantas medicinais. Caso esse engajamento não seja imediato, podem ser realizadas oficinas, palestras e visitas guiadas aos canteiros para despertar o interesse das pessoas pelo projeto.

D) Outros Colaboradores: as parcerias entre as equipes responsáveis pelas Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos e outros colaboradores podem ser muito importantes para a obtenção de insumos, ferramentas e outras atividades necessárias para a implantação e a manutenção de cada Farmácia Viva-Jardim Terapêutico.

Etapa 2 - Definição das atividades que serão realizadas na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico

A equipe responsável pela implantação pode criar um logotipo e dar um nome específico à Farmácia Viva-Jardim Terapêutico que estão implantando. A equipe deve, também, definir qual será o objetivo da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, pois ela pode ser construída apenas para ações educativas na unidade (visitas guiadas, realização de palestras, cursos sobre uso seguro, oficinas de preparação caseira, atividades com crianças, trabalhos com grupos de hipertensos e diabéticos, oficinas terapêuticas e outras atividades), ou para distribuir mudas ou partes de plantas para a população usuária do serviço.

Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos orientadas apenas para o desenvolvimento de ações educativas devem, normalmente, conter um grande número de espécies medicinais. Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos dedicadas à distribuição de mudas exigem espaços maiores para abrigar uma grande quantidade de mudas de uma mesma espécie, pois funcionará como berço de produção e distribuição das mudas para a comunidade.

A Farmácia Viva-Jardim Terapêutico de um serviço pode se tornar referência para outros serviços interessados em implantá-las. Sugere-se que haja abertura para realização de visitas de equipes de outros serviços de saúde, escolas e outras instituições que queiram conhecer e reproduzir o projeto, como: abrigos, asilos, organizações não governamentais (ONGs) e empresas. Sugere-se que a equipe

leve partes das plantas ou mudas para ilustrar as palestras sobre as plantas medicinais, contribuindo assim para a ampliação do projeto.

Recomenda-se que para todas as atividades realizadas na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico sejam escritos Procedimentos Operacionais Padrão (POPs), com detalhes das experiências, para que haja um registro e padronização, desde cultivo, até a distribuição de mudas, treinamentos de equipe e outros eventos. Cada pessoa que visite ou frequente a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico deve saber das regras criadas pela equipe responsável pelo local, bem como deve ter informações sobre a PNPIC, PNPMF, RDC 18/2013. Também se sugere que seja registrada, em meio eletrônico ou mesmo em um caderno de notas, a distribuição de cada muda. Caso haja possibilidade, pode ser criada uma Base de Dados da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico com todos esses registros de atividades e eventos realizados no local.

Para auxiliar a equipe responsável pela implantação na tomada de decisão sobre os tipos de atividades a serem desenvolvidas na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, recomenda-se que haja reuniões regulares e que elas sejam orientadas pelo formulário apresentado no quadro abaixo, cujo preenchimento detalhado das questões apresentadas é muito importante também para que o projeto fique bem documentado e possa ser apresentado e discutido com profissionais e usuários do serviço.

FORMULÁRIO PARA PLANEJAMENTO E REGISTRO DO PROJETO FARMÁCIA VIVA-JARDIM TERAPÊUTICO

1) Nome da unidade de saúde: _____

2) Qual o nome, ocupação e contato dos membros da equipe envolvida no projeto Farmácia Viva-Jardim Terapêutico?

3) Por que o interesse em implantar uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico?

4) Qual área (em m²) será destinada ao plantio? _____

5) Descreva a área de plantio (tipo de solo, presença de vegetação, entulhos, etc)

6) Quais atividades devem ser realizadas na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico? (visitas guiadas, realização de palestras, cursos sobre uso seguro, oficinas de preparação caseira, atividades com crianças, trabalhos com grupos de hipertensos e diabéticos, oficinas terapêuticas, preparo e oferecimento de chás/sucos, oferecimento de mudas, outras atividades)

7) Que plantas devem ter na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico?

8) Quais ferramentas existem na unidade para o manejo dos canteiros?

9) Qual o local seguro para armazenamento das ferramentas?

10) A equipe precisa de capacitações em que temas para implantar a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico?

11) A equipe identifica outras necessidades? Quais?

Etapa 3 - Capacitações da equipe responsável pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico

Muitas vezes a equipe responsável pela implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico não tem formação em fitoterapia e é necessário que ela seja capacitada. Sugerem-se capacitações sobre os seguintes assuntos e temas:

A) Legislação das plantas medicinais e Farmácia Viva

- Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). [Clique aqui.](#)
- Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF). [Clique aqui.](#)
- Portaria GM nº 886, de 20 de abril de 2010 (instituiu as Farmácias Vivas no SUS). [Clique aqui.](#)
- Relação Nacional de Medicamentos (Rename). [Clique aqui.](#)
- Relação Nacional de Plantas Medicinais de interesse ao SUS (Renuis). [Clique aqui.](#)

B) Compostagem

- Tipos de composteiras
- Montagem de composteiras
- Resíduos que podem ser utilizados para obtenção de adubo

C) Cultivo de plantas medicinais

D) Identificação de plantas medicinais

E) Uso seguro de plantas medicinais

F) Estratégias de construção e manejo de Farmácia Viva-Jardim Terapêutico.

As capacitações podem ser complementadas pela realização de cursos *on-line* como: Uso de Plantas Medicinais e Fitoterápicos para Agentes Comunitários de Saúde; e Curso de Qualificação em Plantas Medicinais e Fitoterápicos na Atenção Básica, que são disponibilizados gratuitamente no portal do Ministério da Saúde ([clique aqui](#)).

Etapa 4 - Definição do local para a implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico

A Farmácia Viva-Jardim Terapêutico deve ser construída em um espaço adequado e sugere-se atenção aos seguintes pontos para a escolha do local:

- A) afastamento da circulação de carros para evitar a poluição. Caso isso não seja possível, deve-se verificar a viabilidade de plantio de uma cerca viva que funcione como barreira natural para a poluição
- B) afastamento de esgoto e de possíveis contaminantes
- C) restrição de acesso aos animais
- D) abastecimento de água próximo
- E) presença de luz solar adequada às plantas que serão cultivadas
- F) preferencialmente locais planos ou pouco inclinados
- G) local não inundável
- H) longe de formigueiros e de locais com acúmulo de matéria orgânica

Além da opção de construção de canteiros (Figura 1), há a possibilidade de plantio em vasos, o que pode ser uma alternativa para espaços insuficientes à construção de canteiros (Figura 2). Há ainda a possibilidade da construção de jardins verticais/suspensos (Figura 3), se o espaço disponível for bastante reduzido.



Figura 1- Canteiros. Fonte: Meu Dedo Verde ([clique aqui](#)).



Figura 2- Vasos de plantas medicinais. Fonte: Deposiphotos, 2020.



Figura 3- Jardim suspenso feito com galões de plástico cortado e corda de sisal na Unidade Básica de Saúde Santa Rosa, no município de Campinas/SP. Fonte: Silene Menezes Jacobina, profissional da Unidade Básica de Saúde Santa Rosa, no município de Campinas/SP.

Etapa 5 - Análise do solo

A análise de solo deve ser realizada antes do cultivo das plantas medicinais, pois é necessário identificar a presença de possíveis contaminantes e, também, a necessidade de correção da terra em relação à presença de nutrientes. Para a realização da análise é importante a parceria com profissionais capacitados nessa área, pois é preciso observar a melhor maneira de coletar as diferentes amostras do solo, bem como identificar o lugar adequado para a realização da análise, que deve ser documentada e arquivada na unidade.

Nem todos os solos precisam de correção, mas caso seja necessário é importante utilizar apenas produtos orgânicos, como calcário, adubos verdes e outros produtos naturais. Para fazer a correção, novamente, é necessário contar com a ajuda de profissionais capacitados na área, pois além de indicar as quantidades corretas, também podem indicar soluções fáceis e de baixo custo.

Etapa 6 – Construção dos canteiros

Antes da construção dos canteiros a área deve ser limpa. Deve-se definir o número e tamanho dos canteiros que serão construídos e, então, fazer as marcações no solo. Recomendações:

- A) revolver o solo a uma profundidade de 20 a 30 centímetros (cm), desfazendo os torrões e deixando a terra mais solta e fofa possível;
- B) deixar os canteiros com altura de 15 a 20cm, largura de 100cm e o comprimento pode variar, dependendo do tamanho da área;
- C) caso os canteiros sejam feitos diretamente no solo, tomar medidas, se necessário, para evitar alagamento no caso de chuva e também para dificultar o acesso dos animais;
- D) deixar 50 a 70cm de espaço entre os canteiros, para possibilitar a circulação de pessoas (COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA, 2014);

E) não utilizar pneus para a construção de canteiros, pois eles liberam substâncias tóxicas que podem impregnar as plantas medicinais. Podem ser usadas garrafas PET, concreto, tijolo, madeira e outros materiais;

F) de preferência, cercar o local para evitar o acesso de animais. Pode ser usada, por exemplo, tela de galinheiro e estacas de madeira.

Etapa 7 – Compostagem local

Recomenda-se a instalação de composteiras na unidade de saúde, pois com a compostagem se produz adubo para a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, evitando custos adicionais advindos da compra. Essa adubação deve ser realizada antes do plantio (adubação de base) e depois periodicamente, para garantir a nutrição adequada às plantas.

A composteira tem importância ecológica, na medida em que transforma os restos de alimentos e outros materiais orgânicos, que seriam descartados para os lixões. Essa consciência ambiental deve ser discutida com todos os envolvidos no projeto, para que também transformem seus resíduos orgânicos em adubo.

Etapa 8 – Definição das plantas medicinais que serão cultivadas

Depois de estabelecidas as atividades que serão realizadas na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico é necessário definir quais plantas medicinais serão cultivadas. É importante incluir na lista plantas medicinais com eficácia e segurança comprovadas, de fácil cultivo e manejo, e que tratem doenças que sejam frequentes nas comunidades a serem atendidas.

Recomenda-se que antes de definir a lista das plantas medicinais a serem cultivadas, seja realizada uma pesquisa com a população local. Sugerimos que seja feito o levantamento por meio de um formulário estruturado, que ajudará a identificar as plantas medicinais mais usadas e que despertem maior interesse na população usuária do serviço. No quadro que segue apresentamos um modelo de formulário estruturado para identificação das plantas de maior interesse no território.

Com base nas informações coletadas com a aplicação do formulário, a equipe responsável pelo projeto pode realizar seu próprio Guia, contendo as espécies medicinais presentes na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, usos, indicações, forma de preparo, e ainda confeccionar folhetos de receitas e preparações caseiras destas plantas medicinais, que poderão guiar o trabalho com a população. As informações podem, também, orientar a construção de dinâmicas e jogos, como quebra-cabeças e jogo da memória, para apoiar de forma lúdica os processos informativos e formativos das plantas medicinais.

FORMULÁRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELOS USUÁRIOS DO SERVIÇO

Nome do(a) usuário(a): _____

Telefone: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Você usa plantas medicinais? Sim Não

Se sim,

Qual o nome da planta	Parte da planta utilizada (folha, raiz, flor, etc)	Forma de uso (chá, xarope, cápsula, pomada)	Para quê? (doença, problema)

Qual o nome da planta	Parte da planta utilizada (folha, raiz, flor, etc)	Forma de uso (chá, xarope, cápsula, pomada)	Para quê? (doença, problema)

Etapa 9 - Obtenção de mudas de plantas medicinais

A procedência das plantas medicinais da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico é muito relevante. O preconizado é que todas as mudas sejam obtidas de horto de plantas medicinais ou instituições responsáveis por realizar a identificação destas mudas. O ideal é que exista um horto de plantas medicinais no município para fornecer mudas para todas as Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos, entretanto nem sempre isso ocorre, porém é importante obter mudas certificadas.

Muitas vezes são levadas para a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, pela comunidade e pela equipe, mudas de plantas medicinais não certificadas. Neste caso, a orientação é que amostras destas plantas sejam identificadas corretamente. A identificação é realizada para garantir a segurança no uso e também para que sejam fornecidas informações precisas no processo educativo sobre as plantas medicinais presentes no projeto.

Destaca-se que a identificação das plantas é feita por profissionais com formação em plantas medicinais, porém é importante não invalidar o conhecimento popular e nem restringir a participação da população, uma vez que muitas pessoas que usam e conhecem as plantas têm total capacidade de identificar as diferentes espécies.

Etapa 10 - Cultivo e propagação de plantas medicinais

As plantas, que devem ter certificação botânica, precisarão ser corretamente identificadas através de plaquinhas de identificação, que podem ser de plástico ou de madeira, a critério da equipe responsável pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico. As placas de identificação devem conter ao menos o nome científico e um ou mais nomes populares. Também é possível colocar nestas plaquinhas códigos de barra que direcionem para um site com informações adicionais sobre a planta.

O cultivo das plantas deve ser realizado em solo previamente corrigido (se necessário, conforme orientado na Etapa 5), considerando o espaçamento exigido entre cada planta, sabendo que isso varia entre as espécies, e a necessidade de luz ou sombra para o completo desenvolvimento da planta. Para a realização

adequada do cultivo e da propagação, é muito importante que um agrônomo/técnico agrícola seja consultado/ participe da equipe de trabalho.

Etapa 11 - Custos para implantação de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico

Alguns custos devem ser considerados para a implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico relacionado à construção dos canteiros, à compra de ferramentas, insumos e mudas. Sempre é possível desenvolver parcerias para receber doação de materiais, mudas, insumos e ferramentas para a implantação do projeto. No entanto, com o intuito de demonstrar que se trata de um projeto viável do ponto de vista financeiro, apresentamos no quadro abaixo o orçamento para a montagem de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico orientada para ações educativas.

OBS.: No que se refere à compra de mudas, ressalta-se que as plantas sugeridas fazem parte da Cartilha de Plantas Medicinais elaborada pela Secretaria Municipal de Saúde de Campinas (Campinas, 2018), em parceria com o Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do LAPACIS/ UNICAMP (Ver Anexo 2). [Clique aqui.](#)

CONSTRUÇÃO DE 02 CANTEIROS COM 20CM DE ALTURA, 100 CM DE LARGURA E 4M DE COMPRIMENTO

Materiais	Valor
Bloco de concreto (25 peças por m ²) - 100 peças, cada peça R\$0.68	R\$ 136,00
Cimento (1 saco de 25 kg)	R\$ 31,00
Areia (3 sacos de 20kg)	R\$ 30,00
Total R\$ 197,00	

COMPRA DE MUDAS

02 mudas de 20 plantas medicinais (40 mudas)	R\$ 200,00
Total R\$ 200,00	

COMPRA DE INSUMOS E FERRAMENTAS

Tesoura de Corte Universal	R\$ 49,90
Balde	R\$ 17,00
Carrinho de obras 50L	R\$ 125,90
Enxada	R\$ 34,54
Enxadinha	R\$ 29,90
Kit Jardinagem	R\$ 128,32
Luva	R\$ 20,00
Mangueira 30m	R\$ 129,90
Pá quadrada 95cm	R\$ 29,90
Rastelo 150cm	R\$ 31,90
Regador 8,5L	R\$ 39,90
Tesoura 19,7cm	R\$ 21,90
Vassoura	R\$ 19,90
Total R\$ 678,96	

CUSTO TOTAL R\$ 1.075,96

Valores estimados no dia 26 - jun - 2020



MÓDULO 3
BENEFÍCIOS DA FARMÁCIA
VIVA-JARDIM TERAPÊUTICO
NOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO
PRIMÁRIA À SAÚDE



As plantas têm sido usadas para o cuidado das pessoas desde tempos remotos. A descoberta dos efeitos de uma planta sobre um determinado sintoma foi o resultado de muita observação e experiência empírica de acerto e erro. As populações que desenvolveram os saberes sobre as plantas medicinais tinham como princípio a memória de longa duração e dessa forma, a partir do registro oral ou gráfico, foram construindo as associações do uso de uma ou mais plantas para a redução ou ampliação do que se sente no corpo.

Há poucos séculos a ciência passou a ser adotada para continuar as observações sobre o uso das plantas para o cuidado. Essa mudança trouxe muitas transformações na forma de usar plantas para tratar pessoas: primeiro, o curador não vai mais ao mato buscar a planta para preparar o remédio; segundo, se usa menos a planta inteira e mais as moléculas específicas das plantas relacionadas ao tratamento que se busca; terceiro, existem poucos lugares e profissionais de saúde que apoiam a escolha das pessoas pelo uso das plantas inteiras.

Acontece que grande parte da população brasileira continua usando plantas medicinais, com o auxílio dos profissionais da saúde ou não. Isso quer dizer que as mudanças trazidas pela ciência não acabaram com essa tradição de longa memória. Porém, quase sempre, as pessoas usam as plantas e não contam para os profissionais de saúde, porque, também quase sempre, os profissionais não sabem o que fazer com essa informação.

Parece que um elo da corrente foi quebrado e em uma ponta estão os profissionais de saúde e na outra as pessoas que buscam cuidado. As Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos podem ser a forma de unir as pontas desse elo quebrado, trazendo informação e experiências para os profissionais, além de segurança e autonomia para os usuários dos serviços de saúde. Assim, os benefícios das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos são amplos e afetam tanto os serviços e seus trabalhadores, quanto a população e seu território, pois é um local em que

práticas novas e antigas podem dialogar enquanto a terra é preparada, as plantas cuidadas e os saberes compartilhados.

É muito importante ressaltar que a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico é uma iniciativa com benefícios que não se restringem apenas à disponibilização de ferramentas terapêuticas adicionais. Pelo contrário, ela traz benefícios sociais, culturais, ambientais, econômicos, podendo ser um valioso instrumento para a transformação social e ampliação da consciência. Em seguida, apresentamos alguns dos benefícios da implantação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos, além de trazer informações importantes que, mais uma vez, justificam a sua implantação.

A) Ampliação das opções terapêuticas aos usuários com a introdução das plantas medicinais: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico ao disponibilizar para a população plantas medicinais, amplia as opções terapêuticas disponíveis para a população, que não fica restrita aos medicamentos sintéticos. Em momento algum a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico tem como objetivo defender a não utilização dos medicamentos sintéticos, e sim, a ideia é que exista também a possibilidade da fitoterapia, que deve ser utilizada de forma eficaz e segura.

B) Promoção do uso seguro de plantas medicinais: com a realização de oficinas, palestras, aulas, cursos e campanhas, confecção de cartilhas, materiais informativos, atividades de farmacovigilância, orientação sobre a forma de uso das plantas medicinais e acompanhamento clínico dos usuários, a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico tem como uma de suas missões, promover o uso seguro de plantas medicinais.

C) Eficácia do uso das plantas medicinais: apesar da falta de informação e preconceito sobre a atividade terapêutica das plantas medicinais, são muitas as evidências, tanto baseadas na ciência como no uso popular e tradicional de plantas medicinais, que demonstram a sua eficácia para o tratamento de uma grande variedade de doenças. As plantas medicinais, por apresentarem na sua constituição um conjunto de substâncias ativas, denominado fitocomplexo, que age em sinergia, podem ter distintas ações terapêuticas, diferentemente dos medicamentos sintéticos, que são, a maioria, compostos por apenas uma substância ativa isolada. Além disso, as plantas medicinais trazem consigo a energia vital de um ser vivo, diferentemente dos medicamentos sintéticos.

D) Segurança das plantas medicinais: as substâncias ativas presentes nas plantas medicinais, o fitocomplexo, em sua maioria não se apresentam em grandes quantidades na planta, o que favorece uma menor toxicidade, quando comparado a medicamentos sintéticos que têm substâncias isoladas em altas quantidades. Entretanto, deve ser enfatizado o equívoco da expressão: “natural não faz mal”, pois todo recurso terapêutico, incluindo as plantas medicinais, deve ser utilizado de forma segura e orientada por pessoa capacitada.

E) Diminuição do custo para o sistema de saúde: O baixo custo da implantação e manutenção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, associado a seu grande potencial de tratamento e cura para diversas doenças, pode causar diminuição da necessidade do uso de medicamentos sintéticos, podendo assim contribuir para uma redução dos custos em saúde, disponibilizando recursos que poderiam ser aplicados em outras demandas do serviço de saúde.

F) Promoção da educação e conscientização ambiental: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico tem como um de seus pilares a sustentabilidade, promovendo uma reaproximação das pessoas com a natureza e uma conscientização da importância do cuidado com o meio ambiente, como uma alternativa à realidade extremamente urbanizada e industrial em que vivemos. Podem ser realizadas oficinas educativas com pessoas de todas as faixas etárias, desde crianças até idosos, no próprio dia a dia do projeto, através das atividades de cuidado do solo, das plantas (sem uso de agrotóxico), realização de compostagem e respeito ao tempo de desenvolvimento natural das plantas.

G) Resgate e valorização de saberes populares e tradicionais de plantas medicinais: através do uso das plantas medicinais temos acesso a conhecimentos populares e tradicionais que têm sido marginalizados e invisibilizados na nossa sociedade. A Farmácia Viva-Jardim Terapêutico tem o potencial de resgatar esses conhecimentos, de valorizá-los e impedir que sejam esquecidos.

H) Vínculo com os usuários dos serviços de saúde: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode contribuir na transformação da relação entre os profissionais de saúde e os usuários, uma vez que os usuários também detêm o conhecimento sobre as plantas medicinais, o que pode fazer com que a relação seja mais horizontal, ou seja, que o usuário tenha segurança e autonomia no tratamento.

I) Espaços de convivência social: considerando que compartilhar experiências, criar grupos e construir vínculos também faz parte do processo de tratamento, cura e cuidado, a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico possibilita este espaço coletivo de encontro, de compartilhamento de saberes e parcerias.

J) Acesso ao cuidado e redução da demanda aos serviços de saúde: com a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico os usuários têm acesso às plantas medicinais de forma simples e eficaz, não só através dos serviços de saúde, mas também, por exemplo, podendo cultivar as plantas medicinais em sua própria casa. Isto pode modificar a relação de dependência dos usuários com os serviços de saúde e contribuir para reduzir a sobrecarga da Atenção Primária à Saúde. Ademais, pode promover práticas de autocuidado autonomamente referenciado, fortalecendo a participação da população no processo de saúde-doença-cuidado.

K) Geração de emprego e renda: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode incentivar o desenvolvimento da agricultura familiar com plantas medicinais, ajudando a fixar ou retornar ao campo as populações expulsas pelo agronegócio.

L) Diminuição de desigualdades regionais existentes em nosso país: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode oportunizar a inserção socioeconômica das populações de territórios caracterizados pelo baixo dinamismo econômico e indicadores sociais precários. Estruturação de cadeias e arranjos produtivos locais voltados à exploração agrícola e comercial de plantas medicinais e fitoterápicos pode contribuir para a diminuição de concentração de renda entre as regiões do país, com impacto maior nas regiões com menos oportunidades para inclusão econômica e social.

M) Articulação e coordenação de ações de fitoterapia em saúde pública: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode ser uma porta para a ampliação e o fortalecimento dos programas de fitoterapia dos municípios, assegurando a inserção das plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde. Uma das possibilidades é a formação de redes de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos que trabalhem em cooperação, contribuindo assim para o sucesso da iniciativa.

N) Promoção do desenvolvimento e capacitação de profissionais de saúde: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico possibilita a realização de inúmeros treinamentos

e capacitações, suprimindo a carência da formação universitária em plantas medicinais e fitoterapia da grande maioria dos profissionais de saúde.

O) Disponibilização de campo de estágio para alunos universitários: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode ser um cenário de ensino-aprendizagem no SUS para estudantes de diferentes carreiras profissionais do campo da saúde.

P) Disponibilização de campo de pesquisas: a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode funcionar como laboratório para a realização de pesquisas de diferentes níveis, iniciações científicas, trabalhos de conclusão de curso, mestrados e doutorados em plantas medicinais e fitoterápicos.



MÓDULO 4
DESAFIOS PARA IMPLANTAÇÃO
E MANUTENÇÃO DA FARMÁCIA
VIVA-JARDIM TERAPÊUTICO



A fitoterapia é ao mesmo tempo parte das práticas de cuidado popular, tradicional, biomédica e de outras racionalidades médicas, como a medicina tradicional chinesa e a homeopática. Cada uma delas tem um mapa conceitual particular, com diferentes significados, valores, sistemas de crenças próprios, sentido e interpretações para as formas de uso das plantas medicinais. Por isso, a fitoterapia pode ser considerada um objeto de fronteira, pois conecta diferentes práticas de cuidado.

A aproximação que as plantas medicinais promovem possibilita o diálogo entre as diferentes formas de cuidado e tem o potencial de criar novos saberes, pois todas as culturas são incompletas e, portanto, podem ser enriquecidas ao contactar outras culturas. Assim, a criação das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos propicia a construção de práticas de cuidado integrativas. Embora o diálogo entre as diferentes práticas de cuidado com plantas medicinais pareça uma troca justa, em que nenhuma das partes é prejudicada, há o risco dessa aproximação não conseguir reduzir o predomínio do conhecimento científico e continuar desvalorizando outros saberes.

O conhecimento científico representa os interesses de grupos com maior poder econômico e político na sociedade contemporânea e coloca-se como a prática de cuidado dominante. Existem cinco mecanismos de desvalorização da fitoterapia e do uso de plantas medicinais (SANTOS, 2002).

O primeiro deles é a desqualificação do uso das plantas medicinais e dos profissionais que trabalham nas práticas de cuidado popular e tradicional, de forma que raizeiros, benzedeiros, parteiras e outros cuidadores são desqualificados e seus saberes são tratados como ignorância. Muitos profissionais com formação científica não compreendem e não aceitam a ação energética das plantas, invalidando este tipo de mecanismo de ação, uma vez que consideram como válidos, exclusivamente, os mecanismos de ação que sejam materiais, visíveis, quantificáveis em dose ponderáveis e com atividade farmacológica no corpo físico.

Trata-se de uma visão de mundo que reduz as experiências que nos cercam e desvaloriza o diálogo entre saberes e experiências.

O segundo mecanismo de desvalorização é a associação feita por alguns profissionais com formação acadêmica do uso das plantas medicinais e fitoterapia com o comportamento atrasado, primitivo ou residual, associado ao “chazinho da vovó”, trazendo a conotação de algo ultrapassado em um mundo de tecnologias avançadas.

A terceira forma de inferiorizar o uso das plantas medicinais é desvalorizar os conhecimentos produzidos fora da ciência do hemisfério norte. Esse mecanismo, não só subestima saberes de grande parte da população do hemisfério sul americano e africano, mas também, reforça as práticas colonialistas de hierarquização e dominação.

O quarto mecanismo da construção da desvalorização da fitoterapia é a sua relação com experiências pessoais em pequenas comunidades, que por não serem identificadas como universais não são consideradas válidas.

O quinto é a associação da fitoterapia com a ideia de prática improdutiva, por exemplo, com a condenação do uso das plantas medicinais na forma de preparações caseiras, pois essa não atende ao princípio do lucro; ou ainda, pode reduzir o consumo de medicamentos e até a procura por serviços de saúde, contrariando os interesses de um dos maiores mercados do mundo.

Tudo isso explicita as muitas limitações impostas ao uso das plantas medicinais. Alguns profissionais com crença exclusiva no conhecimento científico impõem legislações, portarias e decretos, associados ao registro dos medicamentos fitoterápicos, notificação das drogas vegetais, fiscalização sanitária e de órgãos de categoria profissional. Assim, não há espaço, muitas vezes, para outras formas de existir, com obstáculos à atuação de conhecedores da fitoterapia popular, tradicional e mesmo a de outras racionalidades não biomédicas.

Essas formas de controle não são vistas como uma manifestação do poder científico, mas como uma forma de garantia da segurança do uso de plantas medicinais para a população. No entanto, embora nas práticas científicas pareça existir ausência de risco, sabemos que os medicamentos são grandes causadores de

reações adversas, podendo causar, inclusive, intoxicações e morte. Trata-se de uma “epidemia silenciosa” do uso de medicamentos, que tem sido pouco questionada, justamente porque questioná-la seria duvidar da ciência e da hegemonia da biomedicina.

Como se pode valorizar os conhecimentos populares e tradicionais mantendo a qualidade e segurança do uso das plantas medicinais? Respostas a estas questões estão sendo construídas com:

- A) reconhecimento das diferentes culturas de cuidado;
- B) reinvenção de experiências com saberes que foram ativamente ausentados;
- C) encontros e trocas entre diferentes agentes que trabalham com plantas medicinais;
- D) relação entre os diferentes setores envolvidos na construção de novos conhecimentos e práticas;
- E) incorporação das plantas medicinais nos serviços de saúde convencionais e de outras práticas não convencionais no SUS.

Desafios para implantação e manutenção de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos

As regras que estabelecem a organização dos serviços nas instituições de saúde e determinam quem está dentro e quem está fora destas instituições foram mudadas nas últimas décadas em relação às Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), possibilitando a inclusão de plantas medicinais em territórios que eram vistos como de domínio exclusivo da biomedicina. Entretanto, ainda se observam, entre outros, os seguintes desafios para a implantação e manutenção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico:

A) falta de equipe profissional: muitas vezes a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico não é montada como um projeto da unidade e sim como o desejo de um trabalhador, de forma que a criação e a manutenção fiquem a cargo de apenas um profissional, com o risco de desaparecer se essa pessoa se desligar da unidade. Portanto, é sugerido que a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico seja um projeto da unidade de saúde, coordenado por uma equipe, para que isso não ocorra.

B) falta de espaço físico: a maior parte dos serviços de saúde não foi planejada para abrigar Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos com o plantio de mudas suficientes para abastecer o território. Mas, mesmo em um espaço pequeno, pode ser criada uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico com fins educacionais, com o objetivo de divulgar o conhecimento das plantas medicinais, realizar palestras, visitas, oficinas; conforme explicado anteriormente neste Guia.

C) distribuição da planta in natura: tem prazo de validade muito curto e não permite uso prolongado. Por isso, na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, a maneira mais eficiente de distribuição das plantas medicinais é através da distribuição de mudas.

D) utilização de plantas medicinais apenas quando há falta do medicamento sintético: essa prática minimiza a importância da planta medicinal e associa o seu uso à falta de acesso ao cuidado. Aos poucos, através de um processo educativo, este paradigma pode ser revisto e a planta pode voltar a ter a validade reconhecida.

E) falta de capacitação para dispensação de plantas medicinais: poucos profissionais são capacitados para realizar a dispensação de plantas medicinais, em geral, de acordo com seu próprio interesse e sem incentivo de gestores. Na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico deve-se realizar uma parceria com os gestores, de forma que eles incentivem a participação destes profissionais na capacitação de dispensação de plantas medicinais. Diferentemente da prescrição de fitoterápicos que é restrita aos profissionais médicos, dentistas, enfermeiros, nutricionistas e farmacêuticos, a dispensação de plantas medicinais pode ser realizada por qualquer profissional da saúde devidamente capacitado.

F) resistência dos pacientes em relação à utilização de plantas medicinais: muitas pessoas consideram os medicamentos sintéticos prescritos pelos profissionais de saúde como a única prática de cuidado possível. Através do processo educativo e de conscientização realizado na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, este paradigma pode ser revisto, para que a planta seja considerada uma prática de cuidado de grande validade.

G) pesquisas sobre eficácia e segurança das plantas medicinais são restritas: a maior parte da pesquisa com plantas medicinais é para isolar as moléculas do

princípio ativo para gerar patentes de medicamentos. A Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode contribuir demonstrando a importância da realização de pesquisas que utilizem a planta medicinal em sua totalidade, e não só os princípios ativos isolados. Isso enfatiza a beleza e a eficácia da planta na forma natural, resgatando assim, a importância dos conhecimentos populares e tradicionais de plantas medicinais, que utilizam as plantas medicinais sem isolar os princípios ativos.

H) ausência de financiamento para implantação e implementação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos: Na nossa pesquisa, não foi encontrado nenhum Edital para o financiamento de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos.

I) licitações de ferramentas, insumos, mudas e outros produtos: esses produtos podem não ser considerados do setor da saúde e não atender todos os critérios das licitações. Portanto, seria importante neste caso, a revisão das normas de realização de licitação.

J) pequeno interesse dos gestores na Farmácia Viva-Jardim Terapêutico: devido à associação do uso de plantas medicinais a “conhecimento ultrapassado”. Através das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos, os gestores também serão orientados quanto ao potencial das plantas medicinais, a fim de que sejam superados estes paradigmas.

K) descontinuidade política: normalmente os gestores querem ter seus próprios projetos e não dar continuidade ao projeto de antecessores. Entretanto, se a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico estiver bem estruturada e se já for parte do programa de saúde do município, o gestor poderá ser sensibilizado a continuar o projeto, mesmo porque os profissionais de saúde e a população pedirão isso. Assim, fica clara a importância da institucionalização das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos nos municípios, para que a continuidade do projeto seja facilitada.

L) ausência de leis municipais e estaduais que orientem e legitimem a implantação e a manutenção das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos: Há a necessidade de um esforço para a elaboração de leis que tratem da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, com o objetivo de torná-la parte do programa de saúde dos municípios, facilitando assim a sua continuidade, implantação, manutenção e financiamento. Há diversos exemplos de legislações em PICS e fitoterapia, que você pode acessar [aqui](#).

Embora as regulamentações organizacionais, que estabelecem a forma e o funcionamento das instituições de saúde, tenham sido expandidas, permitindo a inclusão das plantas medicinais em serviços do SUS, ainda se observa um processo de marginalização dessas práticas. Além disso, a responsabilidade principal pela prescrição de plantas medicinais nos serviços de saúde cabe aos médicos, que são profissionais com pouca formação e interesse em plantas medicinais, dificultando o processo de sua entrada e manutenção no Sistema Único de Saúde.

Uma das iniciativas que pode colaborar para a implantação e manutenção das Farmácias Vivas são os Arranjos Produtivos Locais (APL), que podem ser definidos como aglomerações de empreendimentos de um mesmo ramo, localizados em um mesmo território, que mantêm algum nível de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com os demais atores locais como o governo, instituições de pesquisa, ensino e instituições de crédito (BRASIL, 2008).

No Brasil, o incentivo à estruturação de APL é considerado uma estratégia governamental importante para o desenvolvimento do país. Nos últimos anos foi estruturado um grande número de arranjos desse tipo, voltados para os diversos segmentos econômicos e industriais, como os setores de madeira e móveis; cerâmica; couro e calçados; metalurgia; turismo; agricultura e outros (CASSIOLATO, LASTRES e STALLIVIERI, 2008).

Com a perspectiva de ampliar o escopo de projetos de APL e fortalecer a cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos promove a inclusão da agricultura familiar nas cadeias e nos arranjos produtivos das plantas medicinais, insumos e fitoterápicos. Para isso, considera a agricultura familiar como componente dessa cadeia produtiva; dissemina as boas práticas de cultivo e manejo de plantas medicinais; cria hortos matrizes, promove e apoia as iniciativas de produção e de comercialização de plantas medicinais e insumos da agricultura familiar (BRASIL, 2006c). O Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos (DAF), vinculado à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (SCTIE) do Ministério da Saúde (MS), publicou editais para a seleção de projetos de APL com plantas medicinais e fitoterápicos no âmbito do SUS nos anos de 2012, 2013, 2014 e 2015 (Ministério da Saúde, 2020). De 2012 a 2015 foram contemplados com recursos financeiros do MS um total de 78 projetos.

Foi realizada uma pesquisa com coordenadores de 23 Secretarias de Saúde, estaduais e municipais, selecionadas pelos editais do DAF/SCTIE/MS nos anos de 2012 e 2013. Do total, 17 gestores responderam ao questionário e das informações fornecidas soubemos que:

- A) o total de 189 agricultores familiares participaram dos projetos de APL;
- B) os APL realizam cursos de capacitação para agricultores e profissionais de saúde na forma de oficinas, encontros e seminários;
- C) todos os 17 APL possuíam parcerias em seus projetos, com universidades públicas e privadas; institutos de ciência e tecnologia; empresas de insumos/extratos; indústrias farmacêuticas; ONGs, cooperativas, associação de agricultores, dentre outras;
- D) em relação à aquisição de materiais de custeio e permanente para a estruturação dos APL, muitos projetos ainda se encontravam no estágio inicial e, portanto, não haviam iniciado os processos de compra;
- E) nove APL já possuíam hortos de plantas medicinais ou áreas para o cultivo de mudas e estruturaram novos viveiros e canteiros de plantas medicinais apropriados para a produção de matrizes e unidade de cultivo de uso comunitário (FERREIRA et al, 2017).

Dentre tantos projetos bem-sucedidos destacamos a experiência de APL de Itapeva/SP, que foi aprovada em outubro de 2015, com o projeto denominado Consolidação do Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, em parceria com: COOPLANTAS, REDEFITO do Núcleo de Gestão em Biodiversidade e Saúde (NGBS), do Instituto de Tecnologia em Fármacos/Farmanguinhos/Fiocruz, Secretarias de Saúde e Agricultura do Município de Itapeva, Oficina de Ervas, FAIT, UNESP, Cílios da Terra e INCRA.

Além de ampliar e aprimorar a agricultura familiar, valorizando os conhecimentos tradicionais, o projeto promoveu a produção de plantas medicinais através de sistemas agroecológicos, o que representa uma importante oportunidade de consolidar as condições para o cultivo e manejo sustentável. Também, promoveu o acesso da população aos medicamentos de origem vegetal por meio da inclusão dos fitoterápicos na rede SUS, mediante a implantação da Farmácia Viva. Com esses resultados, cumpriram o objetivo de dinamizar a cadeia produtiva de

plantas medicinais e o desenvolvimento regional, possibilitando uma nova perspectiva para a agricultura familiar (CHECHETTO, 2017).

A importância dos APL na área de plantas medicinais é uma estratégia fundamental devido aos seguintes avanços alcançados:

- A) ampliação das opções terapêuticas e melhoria da atenção à saúde aos usuários do Sistema Único de Saúde;
- B) uso sustentável da biodiversidade brasileira;
- C) valorização e preservação do conhecimento tradicional das comunidades e povos tradicionais;
- D) fortalecimento da agricultura familiar;
- E) crescimento com geração de emprego e renda, redutor das desigualdades regionais;
- F) inclusão social e redução das desigualdades sociais;
- G) participação popular e controle social.



MÓDULO 5
ESTRATÉGIAS DE FORTALECIMENTO
DA FARMÁCIA VIVA-JARDIM
TERAPÊUTICO NOS SERVIÇOS
DE SAÚDE E NO MUNICÍPIO



Como a maior parte dos profissionais de saúde tem poucas informações e quase nenhuma formação sobre os tratamentos com plantas medicinais, a implantação de uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico no serviço de saúde é sempre uma tarefa desafiadora. A existência dos canteiros com plantas medicinais movimenta várias ações no serviço de saúde, pois pode estabelecer novos canais de comunicação entre os trabalhadores e entre eles e os usuários do serviço. Portanto, a implantação em um serviço de saúde é um evento muito positivo, porém para que a sua existência seja fortalecida é preciso que diferentes serviços criem os próprios projetos ao mesmo tempo ou sucessivamente, de forma que o projeto local ganhe uma dimensão de projeto global do município.

A implantação das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos em mais de um serviço possibilita ações de troca permanente e a criação de uma REDE de FARMÁCIAS VIVAS-JARDINS TERAPÊUTICOS da cidade e da região. A existência dessa rede sustenta o desenvolvimento de muitas ações e entre elas destacamos as cinco principais.

Primeira ação: ciclo de visitas dos trabalhadores e usuários entre serviços participantes da Rede de Farmácias Vivas - Jardins Terapêuticos

A maior parte dos trabalhadores de saúde conhece o seu local de trabalho e o território coberto pela sua equipe ou serviço de saúde. Poucos profissionais conhecem outros serviços de saúde e os territórios atendidos por eles. A criação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos em diferentes serviços de saúde traz a oportunidade da criação de uma rede de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos que possibilita intenso fluxo de trocas. A ideia é que todas as iniciativas estejam conectadas uma à outra, pois a construção desta rede amplia as trocas de informações e experiências.

Em geral, em uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico acontecem várias trocas de saberes sobre os usos das plantas medicinais, mas o intercâmbio é ainda maior quando ocorre o encontro entre as equipes responsáveis por Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos de diferentes serviços e territórios. O volume das trocas é maior quando mais equipes se encontram e, por isso, sugere-se, além da criação da rede nos municípios, a criação de um calendário de visitas de trabalhadores e usuários entre serviços.

Os trabalhadores e usuários saem dos seus territórios para conhecer outra Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, porém a experiência produz muito mais do que o contato com outra iniciativa, pois permite que conheçam outros trabalhadores e equipes de saúde, identifiquem as características de outro serviço de saúde e observem os modos de funcionamento de outro território da cidade. Dessa maneira, o ciclo de visitas dos trabalhadores e usuários entre serviços participantes da rede de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos viabiliza uma integração entre os diferentes projetos, equipes de saúde e territórios do município.

Segunda ação: compartilhamento de experiências de manejo

A maior parte dos serviços de saúde não foi planejada para a criação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos. Em alguns lugares existe espaço para criar canteiros e em outros é preciso fazer o plantio em vasos ou mesmo em estruturas suspensas. Cada uma dessas formas exige um manejo específico e a aprendizagem dessas diferentes possibilidades é muito importante para os trabalhadores e usuários dos serviços. Compreender os diferentes recursos para a criação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos e para a sua manutenção pode levar à ampliação do projeto nos diferentes territórios.

Terceira ação: trocas de mudas de plantas medicinais

As visitas possibilitam que as pessoas se conheçam e que expandam o seu entendimento sobre os alcances e desafios de cada Farmácia Viva-Jardim Terapêutico nos diferentes territórios do município. As visitas viabilizam, também, que as pessoas compartilhem saberes e serviços relacionados às plantas medicinais, sendo muito comum a permuta de mudas de plantas medicinais.

Esse evento exige certa atenção da equipe responsável pelo projeto, pois é preciso que as mudas trocadas tenham procedência conhecida para evitar problemas no seu cultivo e uso. Os cuidados tomados na troca de plantas entre serviços servem para que os trabalhadores e usuários criem estratégias de permuta em seus próprios territórios, para garantir o cultivo adequado e o uso seguro das plantas medicinais pela população.

Quarta ação: estudo de plantas medicinais específicas

Um dos eventos mais estimulantes das visitas de trabalhadores e usuários entre serviços participantes da rede de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos é o estudo de plantas medicinais. Os responsáveis pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico que receberão os visitantes preparam a apresentação sobre uma planta que cultivam, podendo destacar as suas características, os diferentes nomes atribuídos a ela, o manejo e os usos. A escolha da planta pode estar associada diretamente ao seu uso para ajudar nos problemas de saúde mais comuns do território.

O estudo de uma planta pode ser mais interessante se as pessoas puderem entrar em contato direto com as suas folhas, flores, caules e raízes. A possibilidade de observar a forma das folhas, o cheiro de cada parte da planta e muitas outras características, faz com que as pessoas aprendam de maneira significativa sobre a planta. Essa aprendizagem é fundamental para garantir o uso seguro da planta e também para ajudar a diferenciação entre plantas parecidas e diferentes.

Quinta ação: criação de horto de plantas medicinais para o fornecimento de mudas para as Farmácias Vivas - Jardins Terapêuticos

As visitas dos trabalhadores e usuários entre serviços participantes da rede de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos promovem trocas de saberes sobre cultivo, manejo e uso das plantas medicinais. A intensificação das trocas leva à necessidade de haver um repositório de registros dos conhecimentos adquiridos, assim como à construção de um horto de plantas para a produção e distribuição de mudas das plantas medicinais para as diferentes Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos da rede.

Há diferentes possibilidades de criação de um horto. Pode ser desenvolvido em um serviço de saúde com espaço disponível, ou em algum outro terreno da administração pública. A criação de um horto de plantas medicinais é um sinal do fortalecimento do projeto de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos no município, pois exige um investimento maior para a sua criação e manutenção.

O horto de plantas medicinais é parte da rede de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos e a equipe responsável pela implantação deve estimular as visitas dos trabalhadores e usuários entre serviços participantes, o compartilhamento de experiências de manejo, o estudo de plantas medicinais específicas, as trocas de mudas e muitas outras atividades. Assim, a criação do horto é uma conquista importante.



MÓDULO 6
FORMAÇÃO DE REDE DE
CUIDADO NOS TERRITÓRIOS



A Farmácia Viva-Jardim Terapêutico tem a possibilidade de resgatar e ampliar a perspectiva do uso das plantas, demonstrando que a planta medicinal pode ser um instrumento de transformação, cura, conscientização ambiental e sustentabilidade.

Cada Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode ser um centro de estudo e educação em plantas medicinais e práticas de cuidado em saúde. Além disso, o uso das plantas medicinais pode reconfigurar a relação entre profissional da saúde-usuário, propiciando vínculos mais fortes, troca de saberes e maior participação dos usuários na unidade de saúde. Também pode reconfigurar a relação entre usuário-usuário, ampliando o espaço de compartilhamento de saberes dentro da unidade de saúde e nos territórios que habitam. Finalmente, cada Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode ser modelo para outras unidades e usuários que queiram criar seus canteiros, se tornando assim uma referência para a ampliação do projeto.

Um desafio da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico é a distribuição de plantas medicinais, pois o fornecimento de mudas ou partes da planta exige plantio e cultivo, às vezes, por tempo longo e insuficiente para distribuir a toda população. Além disso, é necessário observar que a planta *in natura* tem prazo de validade muito curto e impossibilita o uso prolongado, por isso recomenda-se a distribuição das mudas.

Como, em geral, o espaço disponível para a construção das Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos nos serviços de saúde é pequeno e impossibilita o fornecimento de mudas de plantas medicinais para toda a população do território, sugere-se a criação de hortos de plantas medicinais, que normalmente são construídos em área maiores e podem fornecer mudas para as Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos instaladas nos serviços de saúde e à população interessada, além de facilitar a identificação e cultivo de diferentes espécies.

Porém, uma alternativa para aumentar o alcance da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico no território é a criação de uma rede de cuidado e trocas de saberes em plantas medicinais. Muitas vezes a continuidade da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico no serviço de saúde é feita com a identificação de pessoas interessadas no plantio e cultivo de plantas medicinais no território. Não é raro encontrar pessoas com canteiros em casa e que concordem em participar de uma rede de produção e distribuição de plantas medicinais.

Sugere-se que a equipe responsável pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico faça busca ativa de pessoas interessadas em cultivar plantas medicinais entre os moradores do território coberto pelo serviço de saúde. Uma vez identificados os moradores, é recomendada a realização de reuniões regulares para formar a rede de cuidado e trocas de saberes e plantas no território. Assim, pode-se criar uma rede formada por: 1) equipe de profissionais do serviço de saúde responsável pela implantação e manutenção do projeto; 2) usuários da UBS que fazem uso de plantas medicinais; e 3) moradores do território que cultivam plantas medicinais em casa.

Os responsáveis pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico podem realizar visitas periódicas às casas dos moradores participantes da rede de trocas de saberes e plantas do território, que se tornarão multiplicadores do projeto Farmácia Viva-Jardim Terapêutico na comunidade, podendo ter um papel ativo na promoção da saúde no território. Além disso, recomenda-se que a equipe responsável ofereça o suporte necessário para o plantio e cultivo das hortas individuais. Deve ser estabelecido um ciclo de capacitações para as pessoas interessadas em temas relacionados à identificação de plantas medicinais, cultivo, coleta, preparação caseira, uso seguro de plantas medicinais e outros temas indicados pelos moradores.

Todas essas recomendações visam atingir um dos objetivos centrais da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, relacionado à promoção do uso seguro de plantas medicinais. Este objetivo permeia todas as etapas, desde a implantação do projeto, até a capacitação de profissionais, usuários, multiplicadores e formação da rede. Adotamos o termo uso seguro em substituição do termo uso racional, pois racional tem sido utilizado como sinônimo de uso científico das plantas medicinais, que rotula as outras formas de uso de plantas medicinais como carentes de razão. Os conhecimentos populares e tradicionais em plantas medicinais seguem

razão diferente da científica e isso não quer dizer sem razão. A noção de seguro em substituição a racional propõe uma oportunidade de reflexão e integração desses outros saberes sem estabelecer uma hierarquia entre eles, atendendo o objetivo final de proporcionar ao usuário o melhor tratamento possível.

A necessidade de sempre chamar a atenção para o uso seguro de plantas medicinais se deve ao fato de que muitas pessoas acreditam que “o natural não faz mal” ou que “chá não faz mal”. Assim, é uma missão importante da equipe responsável pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico esclarecer que as plantas medicinais também podem ser tóxicas e que, portanto, o uso deve ser orientado, para a utilização da parte certa da planta, preparação adequada e dose indicada.

Experiências exitosas de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos

Gostaríamos de apresentar duas experiências exitosas de implantação e implementação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos no município de Campinas/SP, que estão em processo de construção de suas REDES DE CUIDADO no território. Trata-se das experiências do Centro de Saúde San Martin e Centro de Saúde Vista Alegre, ambas desenvolvidas em parceria com o Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (LAPACIS), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e com a Secretaria Municipal de Saúde de Campinas.

Farmácia Viva-Jardim Terapêutico Centro de Saúde San Martin

A construção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico no Centro de Saúde (CS) San Martin teve início em 2017. De acordo com a profissional que coordena o projeto no CS:

Começamos a nos organizar, pois sabíamos que era um projeto que a Unicamp iria colaborar com os treinamentos e consultoria. Foi realizado pela equipe do CS: a escolha e limpeza do local destinado ao plantio, adubação do solo (com adubo doado por pacientes), plantação de algumas mudas (doadas pela Central de Abastecimento de Alimentos (Ceasa e por pacientes), preparo dos canteiros com blocos de cimentos (doação de uma empresa de concreto), compra de algumas ferramentas com dinheiro levantado por meio de uma rifa realizada no CS.

O projeto começou com alguns funcionários: farmacêutica, psicólogo, aluno da Residência Multiprofissional da Unicamp, Agente Comunitário de Saúde (ACS) e auxiliar de enfermagem. Atualmente a equipe é composta: farmacêutica, duas ACS e profissional do NASF. Recebe, também, ajuda de outras pessoas, uma médica, outra ACS e técnica de enfermagem. Foi um trabalho em conjunto de muitas pessoas da equipe se envolvendo para fazer acontecer. Abaixo são apresentadas algumas fotos da construção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico no CS.



Autoria: Bruna Lima e Rafael Souza, funcionários do Centro de Saúde San Martin- Campinas/SP

Em março de 2018 recebemos a visita do Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia para a realização da análise do solo. Participamos de algumas capacitações oferecidas em 2018 pelo Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do LAPACIS, relativas à: identificação e propagação de plantas medicinais (maio/2018); compostagem (junho/2018); construção do projeto Farmácia Viva-Jardim Terapêutico (agosto/2018) (Figura 4); e uso seguro de plantas medicinais (novembro/2018).



Figura 4 - Capacitação de construção do projeto realizada na UNICAMP em agosto/2018

Autoria: Arquivo pessoal da autora Renata Cavalcanti Carnevale

Em novembro de 2018 recebemos a doação de ferramentas e insumos do Grupo de Fitoterapia e Plantas Medicinais do LAPACIS/Unicamp. Esses materiais foram comprados com recurso fornecido pela Pró-Reitoria de Extensão da Unicamp, para a manutenção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico. Em dezembro de 2018 recebemos uma cópia impressa da cartilha (Figura 5) de plantas medicinais elaborada pela Prefeitura de Campinas, em parceria com o Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do LAPACIS, contendo 20 espécies de plantas medicinais.



Figura 5 - Capa da cartilha de plantas medicinais ([clique aqui](#))

A inauguração da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico do CS San Martin foi realizada no dia 27 de junho de 2019 (Figura 6) e contou com a presença de usuários, representantes de outras Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos do SUS Campinas e de representantes do Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do LAPACIS.

A partir da inauguração da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico começamos a fazer a atividade da planta do mês, na qual havia a exposição da planta, bem como orientações quanto aos benefícios e modo de preparo. A primeira planta foi malvarisco, que está na cartilha de plantas medicinais do SUS Campinas.

O projeto envolveu a oferta de atividade relacionada à troca de saberes no grupo e também visitas das crianças aos canteiros para conhecer melhor as plantas medicinais e se beneficiarem com esse contato com a natureza. Conclui a coordenadora do projeto do CS San Martin:

Minha experiência na construção da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico foi enriquecedora e cheia de aprendizados, pude aprender a dimensionar os desafios para poder planejar com meus colegas as atividades para a população, sabemos que temos nossas atividades diárias e não dá para se dedicar exclusivamente, porém no CS San Martin a coordenação apoia o projeto e todas as quartas-feiras conseguimos cuidar das plantas com mais tempo. A ajuda do grupo LAPACIS foi fundamental com todas as orientações, repasse de conhecimentos e ajuda com materiais.

(Relato realizado por Bruna Lima, funcionária do Centro de Saúde San Martin)



Figura 6 - Inauguração da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico
Autoria: Rafaela Souza, funcionária do Centro de Saúde San Martin- Campinas/SP.

Farmácia Viva-Jardim Terapêutico do Centro de Saúde Vista Alegre

O Centro de Saúde Vista Alegre tem uma longa história de indicação de plantas medicinais, entre elas, orientações sobre o uso de infusões ou preparações de uso tópico aos pacientes no acolhimento. O jardim sempre teve ervas, como cidreira e guaco e os pacientes pediam para pegar guaco na cerca dos fundos, um velho pé que acabou morrendo de tanto puxarem os galhos.

Os cursos de fitoterapia que alguns funcionários do CS fizeram inspiraram a criação do projeto, com o apoio da coordenadora, que ajudou comprando mudas de algumas ervas em 2017, assim como toda a estrutura, com a verba do Programa de Melhoria de Acesso e Qualidade (PMAQ). Um espaço no jardim de inverno foi organizado e a terra preparada foi obtida junto à Diretoria de Parques e Jardins da Prefeitura de Campinas/SP. Foi realizado o primeiro encontro de “Cirandas-ervas” com funcionários, usuários e a presença da Dra. Eloisa Pimentel e do Grupo do LAPACIS em 2017, quando o projeto foi iniciado (Figura 7).



Figura 7 - Início da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico do CS Vista Alegre, em 2017
Autoria: Claudiney Lopes da Silva, funcionário do Centro de Saúde Vista Alegre.

O projeto buscou reunir conhecimento terapêutico de plantas medicinais e noções de fitoterapia, desde as plantas mais conhecidas, até as plantas não convencionais (PANCS) usadas na alimentação humana. Além disso, foi realizada a identificação das plantas, o uso medicinal das mesmas, informação sobre chás, doação de mudas e plantio, orientação sobre plantas tóxicas e o risco de uso.

A Farmácia Viva-Jardim Terapêutico é mantida pelo trabalho voluntário de pacientes, comunidade e trabalhadores da saúde, com orientação especializada de agrônomos, biólogos e outros profissionais. A intenção é de resgatar as plantas medicinais e seu uso para a posteridade, gerando mais conhecimento e preservação da sua história, com consciência ambiental e preservacionista.

Fazem parte da equipe da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico no CS: profissional administrativo, duas médicas, farmacêutico, residentes da Unicamp e ACS. A população está convidada a fazer doação de mudas que tenham no seu quintal para aumentar os exemplares e pode trocar por outras que não tenham na sua horta, assim como receber mudas de plantas medicinais da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico. O plantio é realizado com adubos orgânicos sem agrotóxicos e com uso de compostagem e húmus de minhoca produzidas por métodos que podem ser ensinados à população.

Podemos elencar as seguintes ações de destaque do projeto:

- A) degustação de chás feitos com plantas colhidas nos nossos canteiros todas as sextas-feiras, com posteriores explicações sobre as propriedades e modo de fazer, desde 2019;
- B) fornecimento de chás e água aromatizada nas sessões de *Lian-Gong*;
- C) Palestras a respeito de ervas medicinais e PANCS;
- D) Oficina terapêutica com Grupo GAM – Psicodependentes;
- E) Projeto de ambiência do jardim de inverno com espécies de orquídeas e suculentas para alegrar o olhar. (Figura 8)

O grupo participou das capacitações ofertadas pelo Grupo de Plantas Medicinais e Fitoterapia do LAPACIS e receberam doação de insumos, ferramentas e uma cópia impressa da Cartilha de Plantas Medicinais. Adicionalmente, participaram da organização da Mostra de Hortas e Farmácias Vivas do Distrito Sudoeste no dia 23 de abril de 2019 (Figura 9), que contou com a realização de palestras e mesa redonda sobre a Farmácia Viva-Jardim Terapêutico.



Figura 8 - Jardim de inverno com espécies de orquídeas e suculentas do CS Vista Alegre para alegrar o olhar
Autoria: Claudiney Lopes da Silva, funcionário do Centro de Saúde Vista Alegre.

Representantes do CS também visitaram Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos de outros centros de saúde, com o objetivo de trocar saberes e de criar e fortalecer a Rede de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos de Campinas. Porém, persistem os desafios: a falta de voluntários, tempo para cuidar da horta, pacientes pedindo mudas ou folhas para chá em qualquer momento, dificuldade de dar um bom atendimento todo o tempo e local adequado.

(Relato realizado por Claudiney Lopes da Silva, funcionário do Centro de Saúde Vista Alegre).



Figura 9 - Mostra de Hortas e Farmácias Vivas do Distrito Sudoeste
Autoria: Arquivo pessoal da autora Renata Cavalcanti Carnervale

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Esta modelagem no formato de um Guia para a implantação da Farmácia Viva-Jardim Terapêutico em serviços da Atenção Primária à Saúde é um convite para uma virada no modelo de cuidado do SUS. Não pretendemos fazer uma revolução com armas que produzam dor e sofrimento, mas uma revolução armada de um ramo de alecrim em uma mão e um galho de manjerição na outra, para espalhar alegria e conforto às pessoas.

Estamos seguros que se entrarmos nas instalações de um serviço de saúde e nele sentirmos os cheiros das plantas medicinais, poderemos resgatar histórias e construir novas narrativas sobre o processo de saúde-doença-cuidado de cada pessoa.

Estamos convidados a fazer uma segunda ruptura epistemológica, na qual o conhecimento científico se integra ao senso comum para construir relações emancipadoras. Construir e manter uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico podem ser passos para que cada profissional de saúde desenvolva a pedagogia da autonomia e para que consiga, enfim, auxiliar as pessoas a compreender melhor temas relacionados ao processo saúde-doença-cuidado, auxiliar cada um para que encontre os seus próprios recursos para manejar a situação que está vivenciando e auxiliar na construção do sentido de investir e defender o Sistema Único de Saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL Ministério da Saúde. **Portaria nº 971 de 03 de maio de 2006**. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. 2006a.

Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. 60 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde)

BRASIL. **Decreto nº. 5.813, de 22 de junho de 2006**. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Ministério da Saúde. Brasília, DF. 2006c.

BRASIL. **Portaria Interministerial nº. 2.960, de 9 de dezembro de 2008**. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Ministério da Saúde. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – Brasília: Ministério da Saúde. 2009a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relação Nacional de Plantas medicinais de interesse ao SUS** (RENI-SUS). 2009b.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010**. Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). 2010a.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Farmacopeia Brasileira** / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2019.739p. volume 2.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira** / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011.126p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012a. 156 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (**Cadernos de Atenção Básica; n. 31**)

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução da Diretoria Colegiada- **RDC Nº 18, de 03 de abril de 2013**. Dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensa-

ção de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em farmácias vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). 2013a.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Coordenação Geral de Áreas Técnicas / Departamento de Atenção Básica- Núcleo de Práticas Integrativas e Complementares. **Informe sobre as Práticas Integrativas**. 2016a.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Memento fitoterápico da Farmacopeia Brasileira**/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: ANVISA. 2016b. 115p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria MS No 849. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) no Sistema Único de Saúde**. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS No 702. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) no Sistema Único de Saúde**. 2018a.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**. 1. ed. Primeiro suplemento / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2018b.160p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: Rename 2020** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira** / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. 2. ed. Brasília: Anvisa, 2021.126p.

CAMPINAS. Prefeitura Municipal de Campinas. **Cartilha de Plantas medicinais SUS Campinas**/ SP. Botica da Família. Campinas, 2018. Disponível em: http://saude.campinas.sp.gov.br/saude/assist_farmacutica/Cartilha_Plantas_Medicinais_Campinas.pdf

CARNEVALE, R.C. **Fronteiras da implantação e implementação da farmácia viva no Brasil**. 2018. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP.

CASSIOLATO, J.E; LASTRES, H.M.M; STALLIVIERI, F. 2008. **Arranjos Produtivos Locais: uma alternativa para o desenvolvimento. Experiência de Políticas**. v. 2. E. papers. Serviços Editoriais Ltda. Rio de Janeiro. ISBN 8576501805.

CEARÁ. Lei nº 12.951, de 07.10.99 (D.O. 15.10.99). Dispõe sobre a Política de Implantação da Fitoterapia em Saúde Pública no Estado do Ceará. 1999.

CEARÁ. **Decreto do Governo do Estado, nº 30.016 de 30 de dezembro de 2009**. Aprova o Regulamento técnico da Fitoterapia no Serviço Público do Estado do Ceará. 2009.

CHECHETTO, F.; APOLINÁRIO, P.; FONSECA, J.A.; TANAKA, R.; HELLENMARIE E.R.; CAMPOLIM, F.; FRANZOSI, E.I. Integração de conhecimentos em plantas medicinais na perspectiva de gênero e abordagem transdisciplinar em busca de sustentabilidade: a experiência do arranjo produtivo local de Itapeva. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, Supl. 1-126, 2017 | e-ISSN: 2446-4775

COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA. **Guia de procedimentos operacionais padrão para as Farmácias Vivas**. Fortaleza: HBM Shopping das Cópias, 2014.

COMITÊ ESTADUAL DE FITOTERAPIA. **A fitoterapia no ciclo de assistência farmacêutica: inserção das farmácias vivas**. Fortaleza: HBM Shopping de Cópias, 2015.

FERREIRA, L.L.C.; MATTOS, J.L.C.; OLIVEIRA, D.R.; BEHRENS M.D. Incentivo governamental para Arranjos Produtivos Locais de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no âmbito do SUS. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, Supl. 1-126, 2017 | e-ISSN: 2446-4775

GURIB- FAKIM, A. **Medicinal plants: traditions of yesterday and drugs of tomorrow**. *Molecular Aspects of Medicine*, 2006, v.27, p.1-93.

MALTA, J.R.; DINIZ M.F.F.M.; OLIVEIRA, R.G.A. **Das plantas medicinais aos fitoterápicos: abordagem multidisciplinar**. João Pessoa: PET Farmácia/ CAPES/ UFPB, 1999.

MATOS, F.J.A. **Farmácias Vivas: Sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. 4. ed. rev. ampliada. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020. **Programa de Fitoterápico e Plantas Medicinais**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programa-de-fitoterapico-e-plantas-medicinais>

MITTERMEIER, R.A.; FONSECA, G.A.B.; RYLANDS, A.B.; BRANDON, K. **A Brief History of biodiversity conservation in Brazil**. *Conservation Biology*, 2005, v.19, n.3, p. 601-7.

PROJETO CONSOLIDAÇÃO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE PLANTAS MEDICINAIS. Secretaria Municipal de Saúde de Itapeva, 31p. 2015.

RATES, S.M.K. **Plants as source of drugs**. *Toxicon*, 2001, v.39, p. 603-13.

RODRIGUES, A.G., DE SIMONI, C. Plantas medicinais no contexto de políticas públicas. **Informe Agropecuário**, 2010, 31, v.255, p. 7-12.

RODRIGUES A.G.; SANTOS, M.G.; DE SIMONI, C. Fitoterapia na Saúde da Família. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE (Org.). **Programa de Atualização em Medicina de Família e Comunidade** (PROMEF). Porto Alegre: Artmed/Panamericana, 2011.131-65.

SANTOS, B.S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. 2002, 63: 237-80.

VITÓRIA. **Lei Municipal no. 7.486, de 5 de junho de 2009**. Política Municipal de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

WHO (World Health Organization). **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023**. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/95008/9789243506098_spa.pdf;jsessionid=0836A6793C43ACC1617F9985F6680889?sequence=1

WHO (World Health Organization). **National policy on traditional medicine and regulation of herbal medicines- report of a WHO global survey**. Geneva: World Health Organization (WHO), 2005.

WHO (World Health Organization). Regional office for the Western Pacific. **Research guidelines for evaluating the safety and efficacy of herbal medicines**. Manila: WHO, 1993. 86p.

WHO (World Health Organization). **The world medicines situation 2011**: traditional medicines: global situation, issues and challenges. Geneva: WHO, 2011. 12p.

WHO (World Health Organization). **WHO global report on traditional and complementary medicine 2019**. ISBN 978-92-4-151543-6.

WHO (World Health Organization). **WHO Guidelines on safety monitoring of herbal medicines in pharmacovigilance systems**. WHO, Geneva, 2004.

ANEXO 1 - Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (RENISUS)

01.	<i>Achillea millefolium</i>	19.	<i>Cordia</i> spp (<i>C. currasavica</i> ou <i>C. verbenácea</i>)
02.	<i>Allium sativum</i>	20.	<i>Costus</i> spp (<i>C. scaber</i> ou <i>C. spicatus</i>)
03.	<i>Aloe</i> spp (<i>A. vera</i> ou <i>A. barbadensis</i>)	21.	<i>Croton</i> spp (<i>C. cajucara</i> ou <i>C. zehntneri</i>)
04.	<i>Alpinia</i> spp (<i>A. zerumbet</i> ou <i>A. speciosa</i>)	22.	<i>Curcuma longa</i>
05.	<i>Anacardium occidentale</i>	23.	<i>Cynara scolymus</i>
06.	<i>Ananas cornosus</i>	24.	<i>Dalbergia subcymosa</i>
07.	<i>Apuleia férrea</i> = <i>Caesalpinia ferrea</i>	25.	<i>Eleutherine plicata</i>
08.	<i>Arrabidaea chica</i>	26.	<i>Equisetum arvense</i>
09.	<i>Artemisia absinthium</i>	27.	<i>Erythrina mulungu</i>
10.	<i>Baccharis trimera</i>	28.	<i>Eucalyptus globulus</i>
11.	<i>Bauhinia</i> spp (<i>B. affinis</i> , <i>B. forticata</i> ou <i>B. variegata</i>)	29.	<i>Eugenia uniflora</i> ou <i>Myrtus brasiliiana</i>
12.	<i>Bidens pilosa</i>	30.	<i>Foeniculum vulgare</i>
13.	<i>Calendula officinalis</i>	31.	<i>Glycine max</i>
14.	<i>Carapa guianensis</i>	32.	<i>Harpagophytum procumbens</i>
15.	<i>Casearia sylverstris</i>	33.	<i>Jatropha gossypifolia</i>
16.	<i>Chamomila recutita</i>	34.	<i>Justicia pectoralis</i>
17.	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	35.	<i>Kalanchoe pinnata</i> = <i>Bryophyllum calycinum</i>
18.	<i>Copaifera</i> spp	36.	<i>Laminum álbum</i>

37.	<i>Lippia sidoides</i>	55.	<i>Psidium guajava</i>
38.	<i>Malva sylvestris</i>	56.	<i>Punica granatum</i>
39.	<i>Maytenus</i> spp (<i>M. aquifolium</i> ou <i>M. ilicifolia</i>)	57.	<i>Rhamnus pursiana</i>
40.	<i>Mentha pulegium</i>	58.	<i>Ruta graveolens</i>
41.	<i>Mentha</i> spp (<i>M. crispa</i> , <i>M. piperita</i> ou <i>M. villosa</i>)	59.	<i>Salix alba</i>
42.	<i>Mikania</i> spp (<i>M. glomerata</i> ou <i>M. laevigata</i>)	60.	<i>Schinus terebinthifolius</i>
43.	<i>Momorcodia charantia</i>	61.	<i>Solanum paniculatum</i>
44.	<i>Morus</i> sp	62.	<i>Solidago microglossa</i>
45.	<i>Ocimum gratissimum</i>	63.	<i>Stryphnodendron adstrigens</i>
46.	<i>Orbignya speciosa</i>	64.	<i>Syzygium</i> spp (<i>S. jambolanum</i> ou <i>S. cumini</i>)
47.	<i>Passiflora</i> spp (<i>P. alata</i> , <i>P. edulis</i> , <i>P. incarnata</i>)	65.	<i>Tabebuia avellanedeae</i>
48.	<i>Persea</i> spp (<i>P. gratissima</i> ou <i>P. americana</i>)	66.	<i>Tagetes minuta</i>
49.	<i>Petroselinum sativum</i>	67.	<i>Trifolium pratense</i>
50.	<i>Phyllanthus</i> spp (<i>P. amarus</i> , <i>P.</i> <i>niruri</i> , <i>P. tenellus</i> e <i>P. urinaria</i>)	68.	<i>Uncaria tomentosa</i>
51.	<i>Plantago major</i>	69.	<i>Vernonia condensata</i>
52.	<i>Plectranthus barbatus</i>	70.	<i>Vernonia</i> spp (<i>V. ruficoma</i> ou <i>V. polyanthes</i>)
53.	<i>Polygonum</i> spp (<i>P. acre</i> ou <i>P. hydropiperoides</i>)	71.	<i>Zingiber officinale</i>
54.	<i>Portulaca pilosa</i>		

Fonte: BRASIL, 2009

ANEXO 2 - Relação de Plantas Medicinais da Cartilha da SMS - Campinas e Lapacis

01.	Alecrim (<i>Rosmarinus officinalis</i> L.)
02.	Babosa (<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f)
03.	Boldo (<i>Plecth rantus barbatus</i> Andrews)
04.	Calêndula (<i>Calendula officinalis</i> L.)
05.	Capim limão (<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C) Stapf)
06.	Carqueja (<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC)
07.	Cúrcuma (<i>Curcuma longa</i> L.)
08.	Erva baleeira (<i>Varronia curassavica</i> - Jacq)
09.	Erva cidreira brasileira (<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Briton & P. Wilson)
10.	Espinheira santa (<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. Ex. Reissek)
11.	Funcho (<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.)
12.	Gengibre (<i>Zingiber officinale</i> Roscoe)
13.	Goiabeira (<i>Psidium guajava</i> L.)
14.	Guaco (<i>Mikania laevigata</i> Sch. Bip. Ex. Baker)
15.	Hortelã (<i>Mentha x villosa</i> Huds)
16.	Malvarisco (<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Sprengle)
17.	Melissa (<i>Melissa officinalis</i> L.)
18.	Pitangueira (<i>Eugenia uniflora</i> L.)
19.	Sálvia (<i>Salvia officinalis</i> L.)
20.	Tanchagem (<i>Plantago major</i> L.)

Esta Modelagem tem o objetivo de auxiliar gestores e profissionais de saúde a implantar Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos nos serviços de Atenção Primária à Saúde no Sistema Único de Saúde. Para desenvolver a Modelagem tomamos a fitoterapia como um objeto de fronteira e apresentamos o histórico das Farmácias Vivas no Brasil, com o fim de desenvolver um passo a passo para a sua implantação, enfatizando os benefícios e desafios da sua criação. Incluímos, dentre outras, as questões financeiras, políticas, estratégicas para o seu fortalecimento, enfatizando a importância da formação de redes de cuidado nos territórios. Desejamos manter viva a experiência e a bravura do Professor Dr. Francisco José de Abreu Matos, que aproximou os usos populares e científicos das plantas medicinais no Brasil. Além disso, desejamos que esta Modelagem contribua para o crescimento da implantação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos em todo o Sistema Único de Saúde brasileiro.



LAPACIS



OBSERVAPICS



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto Aggeu Magalhães